CHUMBO GROSSO

Donald Curtis

# SOMBRADO VINGADOR

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 116

TÍTULO: SOMBRA DO VINGADOR

TÍTULO ORIGINAL: LA SOMBRA DEL VENGADOR

AUTOR: DONALD CURTIS

TRADUTOR: ISABEL XRISÔ BARONI

CAPA: BENÍCIO

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1995

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CR$ 1,80

PÁGINAS: 128

# CHUMBO GROSSO

# SOMBRA DO VINGADOR

**DONALD CURTIS**

**Tradução de:**
**ISABEL XRISÔ BARONI**

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

**EDITORA MONTERREY LIMITADA**
**Rua Visconde de Figueiredo, 81**
**Caixa Postal n 24119 – ZC-09**
**20550 – Tijuca – Rio de Janeiro**
**Fones: 248-7067 e 234-8398**

---

**© EDITORA MONTERREY LIMITADA**
**MCMXCV Publicação no Brasil**
**Título original:**
**SOMBRA DEL VENGADOR**
**Capa de: BENICIO**
**Editoração Eletrônica:**
**SEBASTIÃO TELES.**
**Impresso pela:**
**GRAFICA EDITORA LORD S.A.**
**Distribuído por:**
**FERNADO CHINGLIA**
**DISTRIBUIDORA S.A.**

**Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.**

# CAPÍTULO PRIMEIRO

*Um linchamento com morte*

As sombras foram surgindo lentamente da escuridão tenebrosa que cercava o Hotel Fronteira naquele início de madrugada.

O povoado estava calmo e tranquilo, como costumava ficar todas as noites depois que a cantina, o armazém, o saloon cerravam suas portas e a musiquinha repetitiva da pianola deixava de ecoar monotonamente pela rua principal de Eagle Pas.

O povoado era pequeno e mais parecia uma aglomeração de criadores de gado que viviam exclusivamente da pecuária. Porém, além destes fazendeiros, havia uma outra classe de homens, como aqueles que estavam emergindo das trevas, movimentando-se cautelosa e silenciosamente como um bando de peles-vermelhas pronto para atacar.

Aquelas sombras também se preparavam para fazer o mesmo. Esgueiravam-se lentamente na noite, portando armas de alto calibre que brilhavam e refulgiam na escuridão.

Formavam um grupo interessante, constituído de homens fortes, de ombros largos, todos com uma boa estatura e com a cabeça quase inteiramente escondida sob

os chapéus de abas largas, estilo mexicano, que estavam enterrados até as sobrancelhas.

Raramente trocavam algum comentário em sussurros abafados. Quando estavam mais próximos da porta envidraçada do hotel, um deles avisou, apontando para o lampião que iluminava a portaria:

— Tenham muito cuidado, porque o homem é rápido e ágil como uma pantera. Não podemos confiar nele. Sua juventude não significa inexperiência, ao contrário, toma-o mais perigoso, porque os jovens são mais ágeis e rápidos do que os homens de nossa idade.

Todos concordaram em silêncio e, quase em seguida, alguns começaram a subir os degraus da varanda do hotel, procurando pisar com leveza para as tábuas do assoalho não rangerem.

Alcançaram a porta de vidro, que sabiam estar constantemente encostada. Bastava empurrá-la para entrar.

O vestíbulo estava deserto, somente com o recepcionista, um homem de cabeça branca, que dormia debruçado sobre o balcão.

— Monty é um recepcionista perfeito — riu um deles. — Pensava que íamos ter trabalho com ele, mas, quando acordar, tudo já deve estar feito.

Seis homens subiram a escada que ia dar no segundo andar, e, quando chegaram ao último degrau, um deles apontou a porta do quarto 3 e falou:

— Esse é o seu quarto. Eu estava na portaria quando ele chegou esta noite e pediu a chave a Monty. Deve ter vindo para cá logo após ter assassinado nosso amigo. Mike Roberts não merecia morrer de forma tão cruel.

— O assassino pagará caro por seu crime — silabou um tipo albino. — Juro como receberá o castigo que merece!

Novamente todos confirmaram aquelas promessas com um movimento coletivo de cabeça e chapéus.

Depois pararam na frente da porta do quarto 3. A madeira era frágil. Um dos homens meteu a espora na fechadura, com a força de um coice de mula, e a porta ficou escancarada.

Um tipo alto e forte levantou-se agilmente da cama e apanhou o cinturão com o revólver que estavam no espaldar da cadeira. Antes que pudesse ajustá-lo à cintura, vários estampidos ressoaram no quarto, clareando vagamente o jovem, que fitava os homens com olhar sonolento.

— O que significa esta invasão a meu quarto? — perguntou, tentando alcançar a arma.

— Nada de espertezas, amigo! — rugiu o albino, apertando o gatilho e fazendo um projétil passar rente por seu rosto. — Levante os braços, se não quiser morrer!

O hóspede obedeceu porque, se não obedecesse, o outro cumpriria a ameaça. Levantou os braços sentindo-se perplexo e sem entender o que aqueles homens poderiam querer com ele.

— Saia para o corredor! — ordenou o albino.

— O que vieram fazer aqui? — perguntou o jovem louro. — Quando eu jogava pôquer com aquele homem de sorte vocês todos estavam no saloon. E agora estão aqui, por quê?

— Devíamos tê-lo morto sem fazer ruídos e sem lhe dar quaisquer explicações. Devíamos ter feito o mesmo que você fez com nosso amigo. Você não matou Mike Roberts traiçoeiramente naquela ruela escura?

— Então, estão pensando que sou um assassino? Depois que levei aquela surra brutal no jogo, depois que fui "depenado", vocês vêm acordar-me com armas nas mãos para me acusarem pela morte de um homem que só vi esta

noite no saloon! Perdoem-me, mas acho que abusaram do uísque.

— Quem mais poderia ter assassinado Mike Roberts, um homem pacato, gentil que não tinha inimigos? Rapazes, revistem o quarto. Garanto como vão encontrar a prova do crime! — ordenou o albino.

Dois homens entraram no aposento, enquanto o jovem continuava no corredor, sentindo os canos das armas encostados em suas costelas.

Desceram a escada, e havia mais homens os aguardando na portaria.

— Estão querendo alguma coisa? — perguntou um destes.

— Não, Hank, tudo está sob controle. O "pássaro" está aqui, e há gente nossa revistando seu quarto. O dinheiro só pode ter sido escondido por lá.

— De que dinheiro estão falando? — perguntou o rapaz, com surpresa. — Perdi tudo o que tinha naquela partida de pôquer. Devo ter apenas dois dólares no bolso. Por mais que pense, não consigo descobrir se aquele homem ganhou porque estava no seu dia de sorte ou se porque fez trapaças.

O albino não vacilou e lhe deu uma coronhada na face. O sangue começou a escorrer do ferimento.

— Você está abusando porque estou desarmado! Só um covarde atacaria alguém em minhas condições, totalmente indefeso! — gritou o jovem.

— Se nós lhe permitíssemos que usasse uma arma, certamente ia fazer conosco o que fez com Mike Roberts, que foi encontrado com um tiro nas costas! — gritou o albino.

— Espere, que história é essa de um homem morto numa ruela do povoado? — o jovem agora parecia mais espantado.

— Por que vou gastar meu tempo explicando-lhe uma coisa que já sabe? Você matou Mike Roberts quando nosso amigo ia para casa com o dinheiro que havia ganho durante o jogo.

— Então, pensam que assassinei um homem? Nunca escutei tamanho disparate! Quando saí do saloon, fui dar um passeio para refrescar minha mente e acalmar meu sangue. Vocês continuaram no saloon, para festejar a vitória do homem que me tinha depenado... Andei pelas ruas desertas, andei até me sentir cansado e, depois, vim para o hotel... Não vi ninguém e só falei com o porteiro para pedir a chave de meu quarto.

— Isso é o que você diz, aliás já esperávamos que fosse inventar uma história, mas não pense que vai enganar-nos. Lance Shelton. Não foi com esse nome que se registrou no livro de hóspedes do hotel e se apresentou no saloon quando se sentou para jogar?

— Eu usei o meu nome! Eu me chamo Lance Shelton! Este é o meu nome verdadeiro. Nunca precisei escondê-lo. Juro que nada sei a respeito da morte de Mike Roberts, além do que acabam de dizer— me.

— Ross Mulligan! — gritou alguém de dentro do quarto que Lance Shelton estava ocupando. — Você tinha razão!

— Então, encontraram alguma coisa? — perguntou o albino, olhando para lá. — O que foi?

— Veja o que encontramos — falou um deles, saindo para o corredor com uma bolsa de couro repleta de notas de vinte e cinquenta dólares. — Veja esta bolsa. Estava pendurada do lado de fora do prédio, junto à janela do quarto desse homem, que fica em cima dos estábulos.

— Muita coisa para quem nos disse que ficou somente com dois dólares — comentou o chamado Ross Mulligan, com acento de ironia, quando apanhou a bolsa. — Esse dinheiro deve estar manchado de sangue, porque foi roubado pelo assassino que matou nosso amigo Roberts! Escondeu-o do lado de fora do quarto porque pensou que nenhum de nós ia aproximar-se da janela.

— Jamais vi essa bolsa! — protestou Lance Shelton, com firmeza. — Nem sequer abri a janela do quarto esta noite!

— Na minha opinião, você devia inventar uma história mais verossímil — disse Ross Mulligan, com uma risada. — Nós já temos a prova que testifica sua culpa, Lance Shelton! E pode ter certeza de que vai pagar por ela!

— Pagar? — o espanto se transformou em alarma nos olhos do jovem forasteiro. — Vocês não vão entregar— me nas mãos do xerife para eu ter oportunidade de defender-me durante um julgamento legal?

— Eagle Pass é um lugar diferente, e há muito tempo aprendemos a resolver nossos problemas a nosso jeito. O roubo de uma rês, de um cavalo ou a morte de um homem devem ser pagos na forca. É mais interessante agirmos dessa forma, porque não nos aborrecemos com julgamentos e nem acarretamos despesas ao condado. O xerife concorda conosco. Também acha que é melhor fazer justiça de forma rápida e eficaz, sem a presença de advogados, que só se preocupam em salvar os pescoços de todos os assassinos e ladrões, para encherem seus próprios bolsos. O último linchamento que ocorreu aqui em Eagle Pass já foi há mais de dois anos. Foi de um assaltante de Banco, e há muito tempo estávamos com vontade de dar um outro castigo em regra, mas não encontrávamos alguém que o merecesse. Pois bem, hoje encontramos a pessoa certa. Lance Shelton!

O rapaz estava pálido, embora com a metade do rosto coberto de sangue. Seus olhos cada vez ficavam mais dilatados, enquanto Mulligan estava falando.

— Não... Vocês vão linchar-me... Não podem fazer isso. Juro como sou inocente! Não sei quem pôde pôr o dinheiro perto da janela de meu quarto! Vai ver foi alguém que subiu pelo telhado do estábulo! Não matei Mike Roberts e nem roubei seu dinheiro! Vocês não podem linchar um inocente!

— Está perdendo seu tempo, rapaz — riu um dos homens. — Já deixamos a corda preparada em uma árvore próxima do hotel e perto da entrada do povoado.

— Vocês estão malucos! — exasperou-se Lance Shelton, procurando libertar-se das mãos que o arrastavam pela rua. — Não sabem o que estão fazendo! Se me matarem, vão cometer um verdadeiro assassinato! Façam sindicâncias, investiguem minha vida e verão que não sou um criminoso. Venho de Pedras Negras, um lugarejo vizinho que está situado ao sul do Rio Grande! Só estou aqui porque vim encontrar-me com algumas pessoas que me são muito queridas! Ninguém pode ou deve confundir-me com um criminoso!

— Pedras Negras — falou Ross Mulligan com desprezo. — Uma cidade infestada de mexicanos, que fica do outro lado da fronteira... Por coincidência, naquele povoado só mora gentalha de pele amorenada. Pessoas desclassificadas que nos chamam de gringos. Pessoas inferiores que podem ser comparadas aos ratos e ratazanas que infestam as margens do rio. Você não foi muito feliz ao citar esse povoado horrível. Se é amigo dos mexicanos que moram em Pedras Negras, só podemos considerá-lo como um inimigo, Lance Shelton! Lá só existe o lixo que nós aqui costumamos queimar para nosso ambiente não ser

contaminado com a podridão que nos chega de Pedras Negras. E é exatamente isso o que faremos com você, bonitão. Seu cadáver será queimado logo após o enforcamento... Será queimado para não causar uma pestilência fétida em nossa cidade!

De nada adiantou Shelton continuar protestando e esforçando-se para livrar-se dos homens que o cercavam. Alguns o seguravam com força, e outros o mantinham sob as armas, que continuavam encostadas em seu corpo.

Ele sempre se considerava um sujeito corajoso, mas naquele momento sentia um pouco de medo, pois os tipos o fitavam com olhares homicidas.

Chegaram perto de uma árvore frondosa, e a noite foi se iluminando com as tochas que iam sendo acendidas pelas pessoas que se aglomeravam naquele descampado. O povoado inteiro parecia estar acordado, esperando impacientemente o ato bestial de justiça popular que deveria ocorrer em seguida.

A árvore escolhida para ser o patíbulo era uma das mais belas entre as que formavam um pequeno bosque, logo na entrada de Eagle Pass. E, um pouco mais ao fundo, corriam as águas do Rio Grande, que naquele instante se avermelhavam com os reflexos das tochas acesas.

Dezenas de braços arrastaram-no e o colocaram sobre a sela de um cavalo que já estava parado sob a árvore que tinha uma corda amarrada a um de seus ramos.

A corda era de cânhamo e já estava com o nó corrediço preparado, só aguardando o pescoço do condenado que ia ser enforcado.

— Soltem-me! O assassino não sou eu, mas vocês! Homens cruéis que sentem prazer em matar! — gritou Lance Shelton, em desespero. — Eu já disse que sou inocente! Ao invés de estarem gastando tanto tempo

comigo deviam estar procurando o verdadeiro assassino em outro lugar!

Ninguém prestou atenção a suas palavras, ou melhor, nem as escutaram.

Alguém colocou a corda em tomo do pescoço de Shelton.

Outro deu um tapa nas ancas do cavalo repentinamente.

O animal se assustou e iniciou um galope. Seu cavaleiro foi cuspido da sela para ficar balançando com a corda à volta do pescoço.

Ficou oscilando na noite, mas parecendo um fantasma iluminado pelo lusco-fusco das tochas que os linchadores movimentavam no ar.

Depois, alguém encostou uma das tochas na árvore. Seus ramos começaram a arder. O fogo começou a alastrar-se, e o corpo de Lance Shelton continuou balouçando soturnamente entre as chamas.

Estas se espalharam pelas folhas mais ressequidas e depois foram se estendendo pelos ramos, que começaram a ser carbonizados e a se quebrarem. Quando as labaredas chegaram às roupas e à corda que prendia o corpo do enforcado, este caiu ante a assistência que se juntara para presenciar aquele suplício.

— Agora, podemos voltar às nossas casas, porque a justiça foi cumprida! — disse Mulligan, com voz alta e potente, levantando o rifle em gesto que significava vitória, triunfo e poder. — Nenhum forasteiro miserável fará algo parecido quando pisar em Eagle Pass. Nossos amigos precisam ser respeitados. Tenho certeza de que ninguém de Pedras Negras virá para assassinar vilmente qualquer um de nós! Podemos nos sentir satisfeitos, pois hoje cumprimos com nosso dever!

Os presentes se retiraram lentamente. As chamas que consumiam a árvore também foram se extinguindo, e pouco depois o corpo enegrecido de Lance Shelton permanecia abandonado e cercado somente pela escuridão da noite.

# CAPÍTULO SEGUNDO

*Um cliente mandado dos céus*

A jovem mexicana deteve a carroça perto da árvore carbonizada. Pulou da boléia e ficou olhando demoradamente para o corpo que estava caído perto do tronco. Seu olhar exprimia terror, mas não conseguia afastar os olhos da figura parcialmente enegrecida da cabeça aos pés.

Um soluço escapou dos lábios da moça morena, bonita e graciosa.

— Lance! Eu não posso acreditar... — o pranto explodiu, e ela se ajoelhou ao lado do cadáver.

Pegou uma de suas mãos e viu que ele ainda continuava usando o anel de prata com as iniciais "LS" que ela lhe tinha dado já há alguns anos. Somente pelo anel podia reconhecer o homem amado, que estava completamente queimado...

Bem, suas botas tinham ficado apenas chamuscadas, e ela também reconheceu o couro bordeaux, com os enfeites mexicanos que o adornavam.

Era ele, era Lance, disso não tinha dúvida!

As lágrimas continuaram correndo copiosamente pelas faces da jovem, que permanecia ajoelhada ao lado do corpo sem vida. E cada vez que ela olhava para o rosto totalmente deformado, para o couro cabeludo bastante machucado e

com alguns fios de cabelos louros chamuscados, o choro ganhava mais intensidade.

— Por que fizeram isso com você, Lance? — perguntou a mexicana em certo momento, e sua voz só expressava desespero. — Eu pedi que não atravessasse a fronteira... O pessoal de Eagle Passe é malvado. Você não devia ter vindo, meu teimoso...

Calou-se com uma nova crise de choro. Depois, quando se acalmou um pouco, olhou à volta como se procurasse uma ajuda, embora sabendo que naquela terra de gringos ninguém ia ajudá-la.

Respirou fundo e começou a arrastar o cadáver para a carroça puxada por uma mula.

Depois, tentou levantar o corpo todo queimado para colocá-lo no veículo. Tentou erguê-lo várias vezes, mas continuava fracassando e já estava ficando desanimada.

Em certo instante, olhou para o céu coberto de nuvens grossas que prenunciavam chuvas fortes. A noite estava negra como breu, e a moça chegou a estremecer quando um raio luminoso ziguezagueou sobre as nuvens e o fragor do trovão retumbou pelo ar.

Como se isso fosse um sinal estabelecido para algo, a mexicana escutou o farfalhar de folhas às suas costas e, logo, o patejar de um cavalo. Virou a cabeça alarmada. Viu o animal e seu cavaleiro parados a poucos metros, atrás dela.

A moça ficou estarrecida, pois podia jurar que momentos antes não havia ninguém por ali.

— Quem... Quem é o senhor? — murmurou, com voz temerosa. — O que mais quer fazer? Por acaso continua pensando que ainda pode prejudicar esse infeliz?

— Acalme-se — respondeu uma voz grave e agradável, que brotava da boca do homem que tinha o rosto

totalmente invisível, escondido pela aba do chapéu e pelo cachecol que usava à volta do pescoço. — Acalme-se, senhorita, pois não tenciono prejudicar a quem quer que seja. Quem é a senhorita?

— Meu nome é Maria Elena. Vim aqui encontrar-me com ele — calou-se e apontou para a forma enegrecida que jazia a seus pés. — Era meu noivo amado e querido. Os bárbaros de Eagle Pass o assassinaram! Enforcaram-no e o queimaram nessa árvore incendiada!

— Acalme-se — aconselhou o desconhecido misterioso. — Quem era ele?

— Seu nome era Lance Shelton — respondeu a mexicana, por entre soluços.

— Lance Shelton — repetiu o desconhecido, em voz baixa.

A mexicana teve a impressão de captar uma certa tremura em sua voz.

Depois de um silêncio mais ou menos prolongado, o cavaleiro desmontou e se aproximou do morto.

Era alto, e parecia ter um corpo elegante, apesar deste estar quase totalmente escondido sob a capa larga e comprida, com uma gola alta que encobria praticamente quase toda a parte inferior de seu rosto, mas deixava à mostra o revólver pendurado à cintura.

Suas botas eram de couro negro, lavrado, e as esporas de prata brilhavam naquela escuridão que os cercava.

Com o chapéu enterrado na cabeça e a gola da capa e mais o cachecol à volta do pescoço, ela apenas podia ver seus olhos, que tinham um brilho esquisito e metálico.

Não disse mais nada. Inclinou-se sobre o corpo sem vida e o levantou facilmente. Com muito cuidado, depositou-o no interior da carroça, onde cobriu-o com as mantas que estavam no fundo do veículo.

— Era isso que você estava tentando fazer, Maria Elena? — perguntou, com voz meiga e doce.

— Sim, muito obrigada, senhor... — fitou-o entre reconhecida e algo desconfiada. — O senhor mora aqui em Eagle Pass?

— Não — respondeu prontamente o homem, ainda parado junto à carroça. — Vim a Eagle Pass encontrar— me com um amigo, o melhor amigo que tive em toda a minha vida, Maria Elena.

— Um amigo aqui em Eagle Pass? Não acredito que as pessoas que vivem neste povoado tenham condições de serem amigas de alguém, nem dos gringos e, muito menos, dos mexicanos. Aqui só vive gente má, gente perversa.

— Meu amigo não era nenhum morador de Eagle

Pass. Infelizmente, estava aqui de passagem e seu nome era... Lance Shelton.

— Quer dizer que você é... — Calou-se assombrada, olhando para ele, sem poder ver suas feições. — Então você é a pessoa que...

— Exatamente, Maria Elena. Eu sou o homem que Lance veio encontrar neste povoado maldito. Nós devíamos nos falar amanhã de manhã, mas me adiantei algumas horas. Mesmo assim, cheguei tarde demais para tudo... exceto para fazer justiça e vingar a morte de um amigo querido que foi assassinado brutalmente.

— Também cheguei algumas horas mais cedo. Eu estava com muito medo, parece que algo me dizia que Lance corria perigo... Infelizmente cheguei tarde... — novamente ela recomeçou a chorar em desespero.

— Não adianta ficar dessa forma, Maria Elena. Ambos viemos com antecedência, mas chegamos tarde — disse o desconhecido. — Meu nome é Frank Cole. Eu e Lance éramos como irmãos desde a juventude. Uma vez, ele

salvou minha vida quando alguém se preparava para matar-me pelas costas. Eu sempre lhe dizia que estava em dívida com ele e que, algum dia, ainda o salvaria das garras da morte... Agora, nunca mais vou poder saldar minha dívida.

— Vou levá-lo para o sul do Rio Grande — murmurou a moça. — Vou enterrá-lo em terra mexicana. Lance amava meu país e amava meu povo.

— É verdade. Ele sempre dizia que atravessou a fronteira e se radicou do outro lado do Rio Grande porque amava o México. Nunca mais devia ter voltado para este lado bárbaro. Vou acompanhá-la, Maria Elena. Nós dois poremos o corpo de nosso amigo querido na sepultura. Depois que Lance Shelton estiver descansado, farei as coisas importantes que precisam ser feitas por aqui!

— O que tem que fazer em Eagle Pass, Cole?

— Vingar meu amigo, que tinha uma vida maravilhosa à sua frente, para ser gozada e vivida — respondeu Frank Cole, quando montava no cavalo, a fim de acompanhar a carroça que Maria Elena conduzia rumo à fronteira, que na realidade era o leito do Rio Grande, cujas águas separavam o território do Texas do estado mexicano de Coahuila.

* * *

Depois de tudo terminado, Cole colocou uma cruz tosca, formada pelo cruzamento de dois pedaços de paus em cima da sepultura, e um quadrado de madeira com os seguintes dizeres:

*AQUI JAZ LANCHE SHELTON ASSASSINADO EM EAGLE PASS SEM MOTIVO JUSTO PELA MAIORIA DE SEUS MORADORES*

Depois, ambos ficaram parados perto do túmulo.

Maria Elena estava vestida inteiramente de preto, desde o xale que cobria seus cabelos negros e luzidios, até os sapatos que usava naquela ocasião tão especial.

Frank Cole continuou parado a seu lado e, de vez em quando, a observava com o canto dos olhos. Esperou que ela terminasse todas as preces que teve vontade de fazer e só então disse:

— Que nosso amigo querido descanse em paz. Vamos voltar ao povoado, Maria Elena. Você está precisando de repouso, e eu tenho muitas coisas para fazer, antes de regressar a Eagle Pass.

— Lance me disse que você é médico — falou, com as faces ainda molhadas de lágrimas.

— Eu era médico — sorriu Frank Cole, com amargura. — Hoje, entretanto, sou apenas um pistoleiro. Numa época de minha vida, me dediquei mais à bebida do que a qualquer outra coisa, e foi precisa— mente naquela ocasião que perdi um cliente na mesa de operação. Muitos procuraram apoiar-me, dizendo que aquele homem teria morrido de qualquer forma, porque seu mal era incurável, mas eu nunca me perdoei. Abandonei a profissão e algum tempo mais tarde, também consegui abandonar a bebida, porém já não era possível eu retomar à Medicina. Todos me conheciam como o pistoleiro implacável, e dificilmente alguém confiaria num médico que passara anos ceifando vidas.

— Entendo. Lance também foi pistoleiro, mas abandonou a vida de aventuras quando se apaixonou por mim — confessou Maria Elena, tristemente. — Agora não sei o que vai acontecer.

— Acontecerá o que tiver que acontecer. Lance me escreveu, contando-me porque estava abandonando o sul do Rio Grande. Queria que todos o esquecessem no Texas, e

ele também queria apagar de sua mente aquele período de sua vida. Imagino que os texanos o esqueceram... Lance em pouco tempo tomou-se um pistoleiro temido e famoso... Muitos ofereciam prêmios valiosos por sua captura. E agora, quando o passado já estava esquecido, uma turma de desordeiros miseráveis resolveu matá-lo de forma tão desumana. Além de linchá-lo, aqueles desgraçados atearam fogo em suas roupas, deixando-o irreconhecível... totalmente carbonizado. Que meu amigo descanse em paz!

Maria Elena procurava ver o rosto do homem à sua frente, mas, apesar da claridade do dia ensolarado, ela pouco podia vislumbrar, porque o chapéu continuava enterrado até as sobrancelhas e encobria-lhe a parte superior do rosto, enquanto a inferior também estava encoberta pela gola da capa e o cachecol que ele continuava usando.

— Cole, você é uma pessoa estranha — comentou em voz baixa.

— Pessoa estranha em que sentido? Por que está dizendo isso?

— Não sei. Tenho certeza de que não o conhecia, mas sua voz, seus gestos, seus olhos me parecem familiares. Em certos momentos parece que já nos conhecemos há bastante tempo, embora eu nunca o tivesse visto antes daquele raio ter iluminado a árvore que serviu de patíbulo para Lance.

— Meu amigo também dizia que eu me parecia com alguém que ele não conseguia determinar — sorriu o rapaz forçadamente. — Talvez os dois estejam certos, Maria Elena. Minha vida sempre foi estranha...

— Você disse que ainda tem muito que fazer em Pedras Negras antes de voltar a Eagle Pass? — perguntou Maria Elena, quando começavam a afastar-se da sepultura do homem que a amara até a morte.

Ambos foram andando para o povoado, que ficava a menos de meia milha de distância.

— E como tenho — confirmou Frank Cole, apontando para uma casa no alto de uma lombada próxima do lugarejo. — Você deve saber que comprei aquela casinha isolada para descansar todas as vezes em que me sentisse desgostoso e cansado. Vou passar alguns dias no meu isolamento e, quando me sentir mais animado, apanharei um barco, atravessarei o rio e irei para Eagle Pass.

— Por favor, não vá para aquele ninho de vespas — rogou Maria Elena, colocando impulsivamente a mão em seu braço. — Não vá, pois eles também podem matá-lo.

— Eles, matarem a mim? — sorriu Frank Cole, aparentando surpresa. — Maria Elena, pode ficar descansada. Quando eu cruzar o Rio Grande, será para matar. Prometi a mim mesmo que vingarei a morte de meu melhor amigo, e todos os que estiveram envolvidos naquele linchamento pavoroso saberão quem é Frank Cole...

* * *

Desmontou na frente da porta da casa que estava no cimo de uma lombada, a menos de meio quilômetro de Pedras Negras. Dali podia apreciar todo o povoado, que na verdade nada mais era do que uma reunião de casas de um pavimento, com curral e estábulo, que abrigavam famílias humildes e orgulhosas por serem mexicanas.

Abriu a porta e entrou. Acendeu o lampião, aumentando a intensidade da luz lentamente. Colocou-o em cima da mesa e olhou para o canto mais escuro da sala, onde estava uma poltrona grande de couro preto, enfeitada com pregos de metal brilhante.

Havia uma pessoa sentada naquele rincão escuro, envolta pela penumbra.

Cole já tinha passado a chave na porta. Depois, verificou se as janelas também estavam trancadas, bem como todos os postigos e, só após ter comprovado que a casa estava hermeticamente fechada, aproximou-se da poltrona.

— Como estamos hoje? — perguntou.

A pessoa que estava envolvida pela penumbra mexeu-se levemente. Depois gemeu de dor e respondeu com voz apagada, quase que em murmúrio:

— Não muito bem... Só regular...

— Isso já me satisfaz — disse Frank Cole, com um suspiro, como se alguém estivesse tirando um fardo de suas costas. — Não se pode pedir mais, porque já não estamos no tempo dos milagres.

— Para mim tudo parece milagre — sussurrou a pessoa que estava sentada na poltrona.

— Certo, talvez possamos considerar tudo como um milagre da ciência — sorriu Frank Cole. — Milagres da ciência não deixam de ser milagres, no Final de tudo.

— Cole, você sabe que o milagre está sendo mais abrangente. Por que não o admite?

Frank Cole encolheu os ombros, sacudiu a cabeça com ar distraído, apoiou as mãos na borda da mesa e falou:

— Não ando pesquisando origens de milagres. Não posso confirmar uma coisa que não entendo.

A pessoa que estava sentada na poltrona se movimentou lentamente. Continuava escondida na escuridão que havia naquele canto da sala e, quando falou, perguntou com voz rouquenha:

— Você a viu?

— Sim — respondeu Frank Cole.

— E... como ela reagiu?

— Eu já disse para você não se preocupar. Tudo se encaminha do melhor modo possível. Faça o favor de não se atormentar mais!

— Não consigo acalmar-me. Logo de início, eu nem entendia o que estava acontecendo, pensei que tivesse endoidado, mas agora sei que não estava doido, e isso é o que importa.

Outro silêncio prolongado reinou na pequena casa da lombada.

Frank Cole apertou as mãos com gestos nervosos. Depois, esfregou uma na outra e começou a estalar todos os dedos, com ar pensativo.

Em seguida, observou suas mãos grandes, firmes e sensíveis.

Mãos de pistoleiro?

Também poderiam ser confundidas com mãos de um jogador, que fossem hábeis nos naipes e rápidas para executar trapaças.

E por que não as encarar como mãos de médico, das quais dependia a vida de um ser humano que necessitava de suas habilidades e perícia com o bisturi...

— Faz tantos anos que não uso estas mãos para curar — murmurou em tom apagado, apertando-as com força como se quisesse descobrir ou segurar alguma coisa que talvez pudesse fugir-lhe facilmente por entre os dedos.

Por que tanto temor se antigamente tudo lhe era normal?

O homem que estava sentado na poltrona suspirou profundamente e disse quase sem voz:

— Tenha confiança em você mesmo, Frank! Faça como eu, que confio plenamente nos milagres que estão ocorrendo no dia-a-dia. Confie tanto em si, como eu próprio

confio. Sei que poderá fazê-lo. Hoje, poderia ser um cirurgião de renome, se não tivesse sucumbido àquela sensação de culpa que o invadiu. O homem faz o que pode, mas o que determina a sorte de cada um são os desígnios de Deus.

— Então, acredita que Deus ia permitir que eu me embriagasse justamente quando um ser humano dependia de minhas mãos. Acha que foram os desígnios de Deus que forçaram o meu erro durante uma cirurgia de alto risco e quando a vida de um homem dependia exclusivamente de mim?

— Já temos discutido sobre isso repetidas vezes — respondeu a voz do homem que estava nas sombras. — O mal dele era irreversível e, como acabou de afirmar, a cirurgia era de alto risco. Foi o coração do enfermo que falhou naquele momento decisivo.

— Se eu não estivesse embriagado, tudo poderia ter sido diferente.

— Ora, Frank, aquele homem teria morrido mesmo que você fosse abstêmio.

— Você não entende que eu estava bêbado? — exclamou Frank. — Quando ele começou a sangrar e o sangramento se transformou em hemorragia, fiquei apalermado, sem saber o que fazer para estancar o sangue. Eu me sinto culpado por aquela morte!

— Pois continuo repetindo que só Deus poderia evitá-la. Aquele pobre infeliz já estava mais morto do que vivo quando chegou às suas mãos. Só um milagre poderia salvá-lo, e os milagres não existem. Não foi isso que você acabou de afirmar?

— Sempre aprendi que não se devem pedir coisas impossíveis, tanto as relacionadas com a vida como as que estão ligadas com a morte. Porém também me ensinaram

que a missão de cada homem é lutar até o fim para evitar que aconteça o pior. Que ninguém deve ajudar ou desculpar aqueles que cometem erros por causa de fraquezas que não foram superadas.

— Algum dia você reconhecerá que, naquele momento, um trago a mais ou um trago a menos era o que menos importava. Precisava fazer qualquer coisa para recuperar sua auto-confiança, que estava se esfacelando lentamente. Nunca achei que tivesse lutado tanto quanto devia para encontrar seu "eu" perdido. E, quando aquele homem morreu durante a cirurgia, você, mais por comodidade do que por qualquer outra coisa, decidiu assumir a culpa. E, com isso, um grande médico se arruinou.

— Concordo, o médico se arruinou, e um grande pistoleiro nasceu — disse Frank, com amargura. — Houve uma troca de personalidades: o homem que curava se transformou em outro que matava. Acha que essa troca foi justa?

— Muitas coisas acontecem por obra do destino, Frank. Naquele tempo você não podia mudá-lo e, agora, o destino novamente o coloca em uma encruzilhada: pode ser o pistoleiro que mata ou a pessoa que se esforçará para salvar alguém. Neste momento, há no mundo uma pessoa que depende exclusivamente de você. E essa pessoa sou eu, meu amigo.

Conforme falava, o homem que estava sentado na poltrona de couro foi levantando lentamente. Quando conseguiu erguer-se de todo, gemeu de dor e curvou o corpo, tremendo dos pés à cabeça.

Cole rapidamente se aproximou dele e quase suplicou:

— Não, não, não faça isso. Sabe que não deve mover-se. Se começar a teimar, porá tudo a perder.

Deve passar os dias e as noites repousando e... esperando. Terá que esperar até que esteja em condições de ser operado... Por favor, volte para a cama. De nada adianta fazer as coisas que não pode e não deve.

— Reconheço que desta vez tem toda a razão, Frank. Estou sentindo dores insuportáveis. Vou deitar-me, meu amigo, mas, por favor, lembre-se de que tenho uma confiança cega em você. Não se esqueça de que a vida que tenho hoje me foi presenteada por você. Foi você quem me devolveu ao mundo quando todos pensavam que eu estivesse morto.

O homem que falava estava de costas para Frank Cole. Sua cabeça não tinha cabelos e havia vários ferimentos em fase de cicatrização. Depois, ele se virou para ver o amigo. Seu rosto estava monstruoso, totalmente deformado e com a pele repuxada. Somente seus olhos continuavam meigos e vivos como eram antigamente.

— Obrigado, Lance — disse Frank Cole. — Obrigado por confiar em mim.

— O que mais eu poderia fazer diante de alguém que me fez retomar à vida depois de eu me sentir à beira do túmulo? — sorriu Lance Shelton.

Seu rosto estava irreconhecível. Fitou o amigo demoradamente e continuou falando com voz cansada e fraca.

— Só peço uma coisa a você, Frank.

— O quê?

— Não deixe ela saber que estou aqui... Nunca fale sobre isso a Maria Elena, meu amigo...

# CAPÍTULO TERCEIRO

*Uma meia confissão valiosa*

Frank Cole entrou no quarto e contemplou o amigo que estava dormindo sob o efeito de remédios fortes e calmantes, que diminuíam suas dores e forçavam um sono profundo, reparador, que obrigava sua mente excitada a descansar.

— Repouse, companheiro. Enquanto dorme, as horas passam mais depressa, e você ainda deve ficar esperando durante várias semanas. Sei que para você essa espera parece infinita — murmurou, emocionado. — Nossa amizade sempre será eterna, meu caro...

Desafivelou o cinturão com o revólver e o pendurou no encosto da cadeira que estava perto da cama. Em seguida, se sentou nela e ficou olhando para Lance. Por mais que examinasse seu rosto, não encontrava um traço de suas antigas feições. A pele estava bem escura por causa das queimaduras, e ninguém poderia reconhecê-lo.

— Não sei se foi um milagre, mas não posso negar que as coisas que aconteceram com você foram incríveis — falou em voz alta, como se houvesse alguém escutando-o. Mas somente o amigo estava na casa e, naquele momento, não podia ouvi-lo. — É verdade, tudo foi incrível... Todos estão pensando que você morreu, e o que mais podem pensar se viram seu corpo calcinado, junto à árvore

queimada onde o enforcaram? Eles sabem que sua morte não foi provocada pela corda, o fogo o matou. Embora você me considere ateu, naquele momento percebi que foi Deus quem preservou sua vida. Mas não entendo de que modo pôde fazer isso. Por que Deus me fez chegar mais cedo? É evidente que foi para me colocar na encruzilhada... Queria ver como eu ia reagir..., mas, quando alguém pode analisar a vida de acordo com a lógica da Medicina, acaba encontrando uma resposta para todas as perguntas e dúvidas.

Calou-se, olhou para o amigo, que continuava dormindo sob o efeito dos remédios que ele lhe ministrara, e sorriu.

— Amanhã de manhã vou deixá-lo sozinho, companheiro, mas não precisa preocupar-se, porque não demorarei. Voltarei assim que puder. E, quando eu retomar, iniciaremos o que talvez possa ser o verdadeiro milagre. Vou usar de todas as técnicas que conheço para recuperá-lo. Mas, antes de entrarmos nesta fase, vou a Eagle Pass, do outro lado do rio, para fazer o que deve ser feito com urgência. Prometo como aqueles cachorros pagarão caro o que fizeram a você, Lance! Vou vingá-lo, pois sei que é inocente. Tenho certeza de que não matou e que tampouco roubou... Não entendo como puderam linchar, enforcar e queimar um inocente! Você só se salvou porque os milagres existem.

Depois, observou os dedos longos e flexíveis de suas mãos, que pareciam crispadas. Dessa vez não era o médico que estava meditando sobre a possibilidade de curar um ser humano necessitado de seus cuidados...

Reconhecia que, nesse momento, estava pensando em matar, como somente o pistoleiro Frank Cole costumava atuar.

* * *

Os disparos ecoaram pela rua principal de Eagle Pass.

Os homens que estavam bebendo e jogando no saloon soltaram os copos e as cartas em cima das mesas e do balcão. Correram para a porta para ver o que estava acontecendo lá fora. Somente o proprietário da casa permaneceu no bar e continuou lavando uma pilha de copos ao som da musiquinha insípida que a pianola continuava tocando.

Dois homens cobertos de sangue ainda estavam cambaleando no meio da rua, depois de terem recebido alguns projeteis no peito e no rosto. Queriam e faziam força para se manterem em pé, mas já estavam caindo lentamente...

Na calçada oposta, havia um homem com o Colt fumegante nas mãos. Contemplava os feridos com um olhar frio e displicente.

Todos o conheciam muito bem. Era um pistoleiro profissional que residia no povoado já há alguns meses. Suas vítimas também não eram pessoas melhores do que ele, pois viviam no submundo do crime e se mantinham com o que o revólver rendia.

Sem dúvida alguma, houvera um ajuste de contas entre aqueles pistoleiros a soldo que concorriam na área...

Um dos fregueses do saloon comentou:

— Já era tempo desse Cosby desaparecer do povoado. Brincando, brincando, esta já é a terceira vez que arranja uma briga no meio da rua e acaba matando seus rivais. Acho que não precisamos importar gente dessa classe... Chegam as que já têm raízes aqui em Eagle Pass.

Muitos concordaram, mas a maioria preferiu manter-se na neutralidade, continuando calados e cabisbaixos. Conheciam muito bem o pistoleiro Gordon Cosby e seu gênio irritadiço. Era um homem que não admitia críticas, e todos os problemas que tinha eram sempre resolvidos do mesmo modo: dava um jeito para desafiar a pessoa que a estivesse aborrecendo e acabava confrontando-se com ela no meio da rua. Sabia que ninguém o superaria em rapidez quando o confronto fosse com uma arma de fogo e, por isso, vivia desafiando Deus e o mundo.

— Recolham esse lixo — disse Cosby, olhando para os curiosos que o cercavam e apontando para os cadáveres jogados no meio da rua. — Eles não mereciam a graça de continuar vivos. Por que não o recolhem logo de uma vez? Por que querem deixar a rua suja?

Riu e disparou para o alto várias vezes, procurando assustar as pessoas que se agrupavam em ambas as calçadas.

Cinco ou seis homens correram para atendê-lo e levantaram os mortos.

Cosby sorriu satisfeito, guardou o Colt e se dirigiu para o saloon, passando o dorso da mão sobre os lábios. Quando se aproximou do balcão, falou em voz alta para todos ouvirem:

— Estou com sede. Não sei por que, mas é o que sempre acontece quando mato os bastardos que andam pelo mundo. Alguém seria gentil a ponto de convidar-me para um trago?

Várias vozes foram ouvidas, pessoas que desejavam agradar o pistoleiro assassino. Talvez agissem desse modo porque o temiam e não desejavam ser uma de suas prováveis vítimas.

— Aproxime-se, amigo, e se considere como convidado da casa — disse o cantineiro, forçando um sorriso porque também não desejava aborrecê-lo ou desagradá-lo.

O pistoleiro aproximou-se do bar com ar fanfarrão, sorrindo com insolência, enquanto ia cumprimentando jovialmente os homens que já estavam no interior da cantina.

Alguns respondiam a seus cumprimentos friamente, e outros o faziam mais abertamente, enquanto um terceiro grupo permanecia calado, silencioso e de cara fechada, mostrando claramente que discordava do excesso de gentilezas que estavam sendo dispensadas ao assassino.

— Antigamente, os honestos esforçavam-se para fazer justiça contra os criminosos, e não era raro estes terminarem sendo linchados. No entanto, hoje, a gente permite que um assassino ande solto pela cidade, matando qualquer um que o olhe com olhos mais avisados — resmungou Jake Bellwood, o dono do armazém local, quando se sentava à mesa que tinha abandonado na hora do rebuliço, com uma dose quase intacta de uísque que o cantineiro lhe tinha servido.

As palavras de Jake, embora faladas em voz baixa, ressoaram pela cantina. O pistoleiro ouviu-as perfeitamente e lhe perguntou com as pálpebras entrecerradas:

— O que foi que você falou, Bellwood?

— Nada, nada que seja importante — respondeu.

— Mentira! — silabou Cosby, dando alguns passos em sua direção. — Você me chamou de assassino e também disse que eu devia ser linchado.

— Foi apenas uma observação que fiz a mim mesmo, Cosby. Quando falei, não pensava em você, juro — respondeu com calma.

_Você se referia a mim e se esforçava para demonstrar-me o seu desagrado! Falando mais claro, esforçava-se para ofender-me, e sabe muito bem que não admito insultos!

— Nem de longe tive a idéia de insultá-lo, Cosby. Reconheço que não estou capacitado para enfrentar um homem de sua categoria. Esqueça-se desse pequeno incidente, tome um trago e...

— Pare de mentir, diabo!

— Já disse que falei por falar. Você me conhece e sabe que sou um sujeito de paz, que não se mete com ninguém, Cosby. Esqueça-se de mim.

— Devia ter pensado nisso antes de falar, Jake. Todos ouviram os insultos e todos sabem que eu não os tolero. Espero que me peça perdão.

— Está bem, perdoe-me — disse Bellwood, dispondo— se a voltar à mesa.

Cosby olhou-o de alto a baixo e falou de forma taxativa:

— Espere, isso não é suficiente para mim. Não pense que vai tomar seu uisquinho com tanta facilidade!

Quero vê-lo ajoelhado a meus pés e abraçado a meus joelhos... Peça-me perdão, imbecil! — Cosby riu satisfeito.

Bellwood ficou branco como um cadáver. Gastou frações de segundo lutando entre o medo e o orgulho. Finalmente, este último sentimento sobrepujou o medo. Talvez tivesse agido de forma diferente se muitos vizinhos não estivessem aplaudindo o pistoleiro arrogante.

— Não, Cosby — respondeu, secamente. — Não vejo razão para humilhar-me à sua frente. Já lhe pedi perdão. Agora peço-lhe desculpas e acho que basta.

— Não basta, não — respondeu o pistoleiro. — Faça o que estou mandando ou, então, apanhe uma arma e vá para o meio da rua defender-se como se fosse um sujeito corajoso!

— Ainda não ficou satisfeito com os dois que matou? — respondeu o dono do armazém. — Nunca vi outra pessoa tão sedenta de sangue! Não entendo por que procura briga com pessoas que não sabem manejar uma arma de fogo?

— Você devia ter pensado nisso tudo antes de falar mais do que devia, Jake — riu o pistoleiro. — O erro foi seu, e não meu. Todos sabem que sou um sujeito que não tolera ofensas e insultos. Agora, não adianta choramingar. Trate de pedir perdão como eu mandei ou, então, apanhe uma arma para lutar comigo! Prefiro matar os poltrões no meio da rua...

— Está bem, mas terá que matar-me aqui dentro, porque não apanharei arma alguma e nem sairei para a rua. Agora, lembre-se de uma coisa, Gordon Cosby: se me matar, estará cometendo um assassinato que será testemunhado por todos os que estão aqui no saloon.

— Você não passa de um covarde, Jack Bellwood! — exclamou Gordon Cosby, com desprezo.

— Sou mesmo, sem dúvida alguma. Mas prefiro ser covarde do que ser um rato assassino. Na minha opinião é mais homem aquele que se nega a lutar com um criminoso sem consciência, embora sabendo que seus minutos estão contados.

— Você vai pagar caro por esses insultos. Vou mata-lo, bastardo! — gritou Cosby, vermelho de ódio, colocando a mão próxima do Colt. — Deem uma arma a esse idiota, porque nos confrontaremos aqui mesmo!

Um dos bajuladores prontamente jogou o revólver para o infortunado Jake Bellwood.

Este instintivamente segurou-o no ar, quando o viu voando rapidamente em sua direção. Se não tivesse apanhado a arma, tinha certeza de que o Colt esborracharia seu rosto.

Cosby sacou com uma rapidez incrível, pensando aproveitar a oportunidade para disparar à queima— roupa sobre a vítima indefesa.

Jake Bellwood estava com uma arma nas mãos. Ninguém poderia acusá-lo de assassino, e seu álibi seria perfeito: disparei para proteger-me.

Durante um décimo de segundo a vida de sua próxima vítima correu perigo total, enquanto Cosby sacava e destravava o Colt.

Jake Bellwood não costumava lidar com armas e estava aterrado diante do homem perigoso que o ameaçava.

E foi justamente naquele momento que todo o panorama, todo o cenário do saloon se transformou completamente, para o assombro das pessoas que se encontravam na casa e puderam presenciar a cena dramática, trágica e compensatória.

No instante em que Cosby ia pressionar o gatilho, uma detonação ressoou pela sala.

A arma de Gordon voou pelos ares.

O pistoleiro gritou de dor e surpresa, quando sentiu o impacto do chumbo arrancando-lhe o Colt e parte dos dedos da mão direita.

Jake Bellwood também não entendia como alguém o pudera salvar de forma tão miraculosa. Como um protetor inesperado pudera surgir para evitar o que já estava considerando como o inevitável?

Cosby, com um rugido, se virou para olhar a porta de vaivém, ponto para o qual todos os olhares também se convergiam, porque fora dali que partira o disparo salvador.

— Maldito, quem é você? — perguntou aos berros com as feições transformadas pela dor e a surpresa. — Quem pensa que é para se meterem assuntos alheios? Como teve

a ousadia de pisar em meus calos publicamente? Você sabe quem eu sou?

Seu olhar continuava pousado no homem que acabava de desarmá-lo. Era um tipo alto, muito alto, que estava parado na soleira da porta e empunhava um Colt "45", de cano longo, na mão esquerda.

— Eu não poderia permitir que assassinasse vilmente um homem indefeso — explicou o desconhecido, com voz calma e fria.

— Ele estava tão armado quanto eu! — respondeu Cosby, aos gritos. — Eu não ia cometer um assassinato, nosso duelo seria legal!

— Entendo — riu o outro, sem afastar-se da porta. — Porque agora não me propõe um duelo leal? Por quê?

— Quem é você, maldito? — insistiu Cosby.

— Isso pouco importa. Sou uma pessoa que detesta ver certas coisas. E o aconselho a que de hoje em diante nada faça que me possa aborrecer, porque, da próxima vez, atirarei para matar!

— Não aceito conselhos e nem escuto ameaças — rugiu o pistoleiro.

— Pior para você — respondeu o outro, encolhendo os ombros. — Acho melhor sair daqui. Está precisando de cuidados médicos e, como salvou a vida, precisa cuidar-se. Vá, vá embora logo de uma vez.

O recém-chegado entrou no saloon. Bellwood soltou a arma em cima do balcão do bar com um suspiro de alívio, porque tinha a impressão de que ela lhe queimava a mão.

— Obrigado, senhor — disse, em voz enrouquecida. — Eu lhe devo a vida.

— Você não me deve nada. Acho que seria bom que fosse embora enquanto o tigre faminto permanece aqui dentro.

— Mais uma vez, muito obrigado — disse Bellwood, saindo em seguida e perguntando-se quem seria o desconhecido que havia aparecido somente para salvá-lo da sanha de Cosby.

O forasteiro continuou andando para o bar, sem tirar os olhos de Gordon Cosby, que o fitava com o rosto crispado e com as pupilas brilhantes cheias de ódio.

— Agora, solte suas armas em cima do balcão e vá procurar o médico. Precisa cuidar desses ferimentos antes que infeccionem. E faça o favor de não arranjar novas encrencas enquanto eu estiver em Eagle Pass!

Cosby disse um palavrão por entre os lábios quase fechados. Nunca poderá supor que alguém fosse humilhá-lo daquela forma na frente de todos.

Começou a andar para a porta sem nem tentar apanhar a arma que continuava no chão. O desconhecido colocou o Colt no coldre lentamente e sorriu quando o pistoleiro deu um pontapé nos batentes da porta de sair.

O cantineiro sorriu de modo mais amplo, meneou a cabeça, apanhou um copo da pilha que tinha arrumado e se serviu de uma boa dose de uísque. Bebeu-a de um só trago e se aproximou do forasteiro.

— Pode beber o que desejar. Considere-se convidado da casa. Sua intervenção foi providencial esta noite, mas cuide-se porque Gordon Cosby é venenoso como um réptil... Tenha muito cuidado com ele, é um tipo que quando dispara é para matar...

— Levarei em conta sua recomendação — disse o forasteiro. — Já que me está convidando, dê-me uma dose de uísque.

O cantineiro o serviu imediatamente, è, quando ele ia levar a bebida à boca, girou o corpo subitamente com a velocidade de uma centelha, enquanto sacava o Colt com a

mão esquerda. Praticamente nem o retirou do coldre e o acionou duas vezes na direção da porta de vaivém, ante o assombro de todos os presentes, que não entendiam o que estava acontecendo.

Porém, segundos mais tarde, todos compreenderam a razão daqueles disparos. Um homem cambaleando apareceu com uma Derringer na mão. Estava ferido no peito, olhava para o forasteiro com perplexidade e estupor. Quase em seguida, teve um acesso de tosse, vomitou sangue puro e caiu pesadamente no chão, com a camisa vermelha de sangue.

— Cosby ia matá-lo pelas costas! — gritou o cantineiro, ao entender o que havia acontecido.

— Exatamente — confirmou o desconhecido, enquanto recolocava a arma no estojo. — Você não mentiu quando me disse que ele era semelhante a uma serpente venenosa...

— Como soube que ele ia... — começou o dono do saloon, com uma expressão aparvalhada.

O recém-chegado nem o deixou terminar. Sorriu e apontou para o copo que ainda estava quase cheio.

— Ele me valeu como espelho no momento que eu ia levá-lo aos lábios. E, de mais a mais, já estava esperando algo semelhante. Conheço uma multidão de pistoleiros, e nenhum deles carrega apenas uma arma.

Vários homens apressaram-se para prestar socorro a Cosby.

Fora ferido no peito, sobre o coração, e estava perdendo muito sangue, tanto pelo ferimento como pelos lábios.

Seu estado era grave, e dificilmente se salvaria.

Quando o ergueram para deitá-lo sobre uma das mesas, enquanto alguém ia chamar o médico, todos o ouviram balbuciar:

— Estou morrendo... Maldito... seja esse... forasteiro que... veiu dos... infernos... Vou morrer...

— Calma, Cosby — disse um homem. — O médico já deve estar chegando.

— Tanto faz... Não adianta... Estou morrendo — balbuciou Cosby, com esforço. — Eu quero... confessar... antes de morrer...

O cantineiro e o forasteiro trocaram um olhar e se aproximaram do ferido, que já estava respirando com dificuldade.

— O que você quer falar, Cosby? — perguntou o cantineiro, derramando algumas gotas de bebida entre seus lábios. — Fale tudo o que quiser, que eu o estou ouvindo.

— Não quero... levar esse... segredo para... a sepultura... Quero aliviar minha... consciência... — insistiu o moribundo.

— Prossiga — disse o forasteiro. — Diga tudo o que quiser, isso só lhe fará bem.

— Eu matei... um homem... — começou o ferido. — Ninguém... desconfiou... de mim..., mas fui eu... quem matou... Mike Roberts... numa madrugada...

— Impossível! — exclamou o dono do saloon.

O assombro era geral.

O forasteiro mordeu o lábio inferior com força e se inclinou sobre o ferido:

— Continue! Prossiga! Cosby, você deve falar tudo o que sabe! Então foi você quem matou um homem chamado Mike Roberts?

— Sim... sim... Aquele outro homem... Lance... Shelion... era inocente.

— Não acredito — sussurrou o cantineiro.

— Ele... foi... linchado por... minha... culpa... — prosseguiu Cosby... — Eu fui o seu... assassino...

As feições do desconhecido estavam duras, e seus olhos pareciam duas lanternas acesas quando perguntou:

— Por que matou Mike Roberts, infeliz?

— Eu não... tinha... nada contra... ele... Só obedeci... ordens... Recebi... dinheiro... para... matar Mike Roberts.

Todos estavam perplexos diante daquela confissão, mas somente se entreolhavam e ninguém falava.

— Quem foi que pagou a você para fazer o serviço? — perguntou o desconhecido. — Fale tudo o que sabe, Cosby! Confesse tudo de uma vez! Quem lhe ordenou que matasse Mike Roberts?

— Foi... foi... — teve outro acesso de tosse, seus olhos ficaram vidrados, a boca se escancarou, e uma espuma vermelha recomeçou a escorrer pelo canto dos lábios.

— Cosby nada mais nos dirá. Está morto... — disse o cantineiro. — Parece que alguém foi linchado por engano... Um erro muito trágico!

O forasteiro afastou-se e começou a caminhar para a porta, de cabeça baixa, parecendo bastante acabrunhado. Antes de sair, virou-se e falou a todos:

— A cidade inteira linchou um inocente. Cosby matou Roberts por ordem de alguém cujo nome não chegou a pronunciar... O mal sempre é pago com o mal... Um dia o fantasma de Lance Shelton voltará para exigir vingança!

Saiu. Os batentes da porta continuaram oscilando, e um medo supersticioso tomou conta de todos.

— Nós somos culpados... Matamos um inocente — disse alguém. — Vocês ouviram o que aquele homem falou... Algum dia pagaremos pelo nosso erro... A alma de Shelton nos virá cobrar...

# CAPÍTULO QUARTO

*Amanhã já é o futuro*

Lance Shelton escutou Frank Cole em silêncio, sem interrompê-lo uma única vez. Continuava sentado na mesma poltrona e no mesmo recanto escuro da sala, como se não quisesse que a luz do lampião revelasse a monstruosidade de seu rosto e mãos.

Quando Frank calou-se, ele ficou alguns instantes pensando e depois disse:

— Então foi isso o que aconteceu...

— Sim, Lance, mas agora todos os moradores de Eagle Pass sabem que você era inocente, que foi enforcado por um erro coletivo. Todos o julgavam criminoso quando fora Gordon Cosby quem assassinou Mike Roberts.

— E de que me serve eles saberem agora da verdade?

— Agora, nada, mas amanhã é o futuro, e a gente não sabe o que poderá acontecer. A confissão de Gordon não me causou surpresa, pois tanto eu como Maria Elena sabíamos que você era inocente.

— Maria Elena — repetiu Lance em um sussurro. — Eu a perdi para sempre. Se você pudesse avaliar como a amo...

— Nunca se perde para sempre uma pessoa querida, desde que ambos estejam vivos. Lance. No meu modo de encarar as coisas, nenhum de vocês morreu... realmente.

— Frank, não se esqueça de que estou morto! Morto e enterrado...

— Aquela encenação era necessária — respondeu o amigo, pacientemente. — As notícias voam. Três milhas de rio é uma distância muito pequena para os moradores de Eagle Pass não saberem o que acontece aqui em Pedras Negras e vice-versa. Tive pena de enganar Maria Elena, mas não me ocorreu nada melhor.

— Acho que você fez muito bem, Frank. Ela jamais deve ver o monstro em que me transformei. Fugiria horrorizada.

— Você não está julgando a moça corretamente, Lance. Sei que Maria Elena jamais fugiria.

— Talvez não fugisse por compaixão... Maria Elena não podia continuar gostando deste monstro... Eu agora não passo de um monstro, Frank!

— Você é um homem que sofreu queimaduras. Sua pele ficou diferente, alterada, mas nada mais aconteceu com você. Está vivo, continua sendo a pessoa inteligente que sempre foi, e sei que a faria feliz. Maria Elena ama você e não ia sentir repulsa por causa de seu aspecto físico. Você tem uma mulherzinha que o ama, diabo!

— Se está falando a verdade, por que lhe escondeu que eu estava vivo?

— Precisei fazer isso. Tive medo de que, quando soubesse que você não estava morto, ficasse eufórica, e sua alegria pusesse tudo a perder. Não poderia fingir, e alguém acabaria desconfiando da verdade. Só por isso, achei melhor que você continuasse morto por tempo indeterminado, até as pistas ficarem mais sólidas.

— Por quê?

— Você me disse que confiava cegamente em mim, lembra? Falou que ia ter fé em mim...

— Só posso ter fé em você, mas tudo me parece tão difícil, Frank. Às vezes, penso que tudo é impossível...

— Nada é impossível quando se está vivo! E você continua vivo, depois de ser enforcado e queimado. Quem tem poderes para explicar o que aconteceu com você?

— Frank — timidamente, Lance colocou sua mão enegrecida e descamada sobre o amigo. — Por favor, diga-me o que aconteceu realmente comigo... Como posso estar vivo se você me contou que atearam fogo na árvore em que eu estava enforcado. Não sei o que aconteceu e não me lembro de ter sentido coisa alguma. Aqueles homens me consideraram morto, e você me disse que eu estava morto quando me trouxe para Pedras Negras... O que aconteceu?

— Tudo que falei foi verdade, Lance, mas o essencial é saber que você está vivo.

— Como... como isso pôde acontecer, Frank? — perguntou com alguma irritação. — Por acaso agora sou um fantasma, um ser ressuscitado ou um monstro imortal?

— Você é você mesmo, é o homem que sempre foi, nada mais do que isso.

— Ninguém sobrevive à forca e, menos ainda, ao fogo.

— Pois foi o fogo que o salvou. Queimou a corda no momento exato e impediu que esta o estrangulasse completamente ou rompesse sua cervical.

— Juro como cada vez entendo menos... O que foi que aconteceu para todos me julgarem morto?

Frank Cole respirou fundo. Levantou-se da cadeira e começou a andar pela sala. Quando falou, sua voz estava serena e profunda:

— Posso explicar-lhe tudo com uma única palavra, Lance.

— Qual?

— Catalepsia.

— Que droga é isso? — perguntou Lance, depois de um silêncio mais ou menos prolongado.

— É um estado de morte aparente que ocorre algumas vezes e é caracterizada pelo enrijecimento dos membros, insensibilidade total, respiração e pulsos lentos e palidez cadavérica. O doente pode ser confundido facilmente com um cadáver. Quem olhasse para você naquele instante só poderia pensar que havia morrido na forca. Mesmo tendo certeza de que o enforcado estava morto, eles atearam fogo na árvore para causar mais sensação aos moradores do povoado. E foi esse fogo que o salvou, porque, apesar de ter queimado sua pele, também queimou a corda antes que esta o estrangulasse. Agora, já sabe tudo. Assim que eu me aproximei da árvore; percebi que estava sofrendo um ataque de catalepsia. Nada fiz para reavivá-lo e enganei Maria Elena. Deixei-o dormindo aqui em cima e enchi o caixão com um saco repleto de bugigangas pesadas, mais ou menos com seu peso. A coitadinha está acreditando que você repousa sob aquela cruz muito malfeita que coloquei sobre a sepultura.

— E quando ela vai saber que estou vivo?

— Quando você for novamente o mesmo Lance Shelton que ela conheceu e amou.

— Nunca vou ficar como era! Olhe para meu rosto, veja minhas mãos — retrucou, com voz desalentada. — Pode ser que tenha acontecido um milagre para eu sair vivo de tudo aquilo..., mas eu me transformar no homem que era, nisso não acredito.

— Nós vamos tentar, torcendo para que dê certo. É a única esperança que nos resta, e você não pode continuar nesse pessimismo.

— E o que adianta ficar otimista, cheio de esperanças, se sei que nada vai acontecer?

— Está falando bobagens, Lance. Há alguns anos conheci um homem em Nova Orleans, quando eu já não exercia a medicina. Era um professor europeu que tinha fugido de sua terra de origem por estar sendo perseguido pelas autoridades, após ter sido expulso da associação médica do país. Tudo porque consideravam ilegais os métodos que ele estava praticando. Algumas vezes, quando operava os vivos, utilizava partes dos cadáveres para restaurá-los. Apaixonei-me pelo assunto, mas jamais pensei que fosse aproveitá-lo.

— Cruzes, Frank, que coisa mais horrível...

— Concordo que é horrível segundo a moral de nossa época, porém muitas vezes os cadáveres tornam-se necessários para os grandes estudos científicos que visam ao bem-estar dos seres vivos. Quando os hospitais utilizam cadáveres, ninguém reclama, ninguém condena ou expulsa o médico por causa disso.

— O que o tal professor lhe ensinou?

— Ensinou-me algo muito curioso e me mostrou retratos de pessoas que tinha tratado após terem sofrido alguma necrose de tecidos.

— O que é isso, Frank?

— Necrose é a morte do tecido, seja qual for a causa que a provoque. O fogo é uma das mais frequentes.

Queima a epiderme e a destrói. Aquele médico me mostrou que o mal pode ser reparado pela utilização de enxertos de pele nova na região necrosada. Esses enxertos podem ser feitos sem muito sofrimento e sem grandes riscos.

— Você está entusiasmado, mas isso tudo me parece loucura.

— Talvez seja uma loucura, Lance, mas de ser resultado... E a única esperança que nos resta para deixar você como era.

— Frank... você não é aquele homem. Há quantos anos abandonou a Medicina...? Como pode conhecer sua técnica...? Deve ser complicada e difícil...

— É complicada, difícil e lenta, muito lenta, mas a gente pode tentar. Ele me deixou anotações, apontamentos e conclusões de todos os estudos e experiências que tinha feito. Muitas vezes, eu os li por achar um trabalho por demais interessante. Sei que estou apto para operá-lo quantas vezes for preciso, para ir inserindo enxertos de pela nova, a fim de que seja efetuada uma restauração nas partes afetadas pelas chamas. É isso que estou pensando fazer. Você confia em mim? Permite que eu faça esta tentativa, Lance?

Lance teve uma risada gutural, vinda da garganta, e falou:

— Eu permito tudo o que você quiser, Frank. Foi você quem me devolveu à vida. Agora, se acha que há possibilidades de melhorar meu aspecto, vamos adiante. Confiarei cegamente em você e também me entregarei ao Deus que está no céu.

— Obrigado, Lance. Vou esforçar-me para ser digno de sua confiança. Iniciaremos as operações amanhã mesmo.

— Mas... de onde vai tirar a pele que usará nos enxertos? — perguntou Lance, com alguma dúvida.

— De você mesmo. E, se for preciso, de mim, desde que seu organismo não rejeite o enxerto. Podemos perfeitamente retirar a pele que vamos precisar de outras partes de nosso corpo. Aquele meu amigo europeu garantiu-me que este método algum dia haveria de ficar conhecido no mundo e que se tomaria tão corriqueiro como tratar-se

de um resfriado. Porém o tempo está passando, e ele ainda é visto como uma espécie de magia feita por bruxos...

— E o que vai fazer depois que me restaurar?

— O que você fará eu não sei. Porém sei o que vou fazer: vou levar a cabo a vingança que estou articulando. Vou vingar o que eles fizeram a você, Lance!

— Deixe que seja eu quem se vingue daqueles sem vergonhas, Frank. A vida é minha, e eles a sacrificaram. Devo ajustar todas as contas que se encontram pendentes.

— Isso não vai ser tão fácil como pensa. Suspeito que há gente importante por trás das cortinas, e que foram estas pessoas que pagaram ao pistoleiro de aluguel, Gordon Cosby, para este liquidar Mike Roberts. Talvez os homens que o lincharam também tivessem recebido dinheiro das mesmas pessoas, Lance... Ainda há muita coisa para ser esclarecida, e creio que nós dois poderemos trabalhar juntos para levar a vingança adiante.

— Muito bem, Frank. E enquanto isso...

— Enquanto isso, você vai ficar de repouso, curando-se das queimaduras. Já lhe disse que a recuperação será lenta. Depois de cada enxerto feito, voltarei a Eagle Pass para investigar o que realmente aconteceu naquela noite. E, quando eu tiver conhecimento suficiente sobre aqueles fatos, nós dois agiremos juntos e ajustaremos as contas com os culpados.

— Obrigado, Frank — murmurou Lance, emocionado. — Você é mais do que um amigo. Você é como um irmão querido...

Frank Cole sorriu.

— E o que nós somos na realidade? — perguntou lentamente. — Não somos irmãos por parte de pai, mas tivemos a mesma mãe, Lance. Só por isso estou aqui. E não foi por causa disso que você me chamou?

— Sim. Soube da verdade há pouco tempo quando já não cavalgávamos juntos. Engraçado, passei esses anos todos considerando você meu melhor amigo, mas nunca tinha pensado que fôssemos irmãos. Não temos qualquer semelhança.

— Pois agora veja como são as coisas: Maria Elena notou nossa semelhança. Ela me disse que meu rosto e minha voz não lhe pareciam estranhos e que, embora soubesse que nunca nos tínhamos encontrado, eu a fazia recordar de alguém...

— E verdade? — perguntou Lance, mais animado. — Creio que eu devia estar cego quando éramos inseparáveis e...

— Naquele tempo não podíamos imaginar nada — sorriu Cole. — Seu pai, que me amparou na adolescência, só confessou a verdade quando já estava morrendo... Agora você vai deitar-se. Vai descansar, porque amanhã iniciaremos nossa experiência e vamos torcer para que dê certo.

— Frank, confio em você. Estou em suas mãos.

— E nas de Deus — respondeu Frank. — Enquanto faz suas orações, continuarei pensando e tentando descobrir por que, se você me chamou para nos encontrarmos no dia seguinte, eu cheguei na véspera para salvá-lo... Não acredito em milagres, mas estas coincidências me parecem muito marcantes...

* * *

Maria Elena serviu o jantar ao convidado. Estava abatida, mas esboçou um sorriso quando disse:

— Espero que você goste. Feijão com toucinho e um bolo de carne. Lance adorava.

— Tenho certeza de que também vou gostar e de que esta será a comida mais gostosa que comi nos últimos anos — sorriu Frank, sentando-se à mesa. — Só o aroma já me dá fome.

— Você quer cerveja ou café, Frank?

— Prefiro café. Estou muito cansado — falou, bocejando. — Já faz tempo que não durmo direito às noites...

Porém, não explicou quais eram os motivos de sua insônia.

Não podia contar-lhe sobre as intervenções cirúrgicas que vinha realizando há alguns meses para que a pele necrosada de Lance se restaurasse lentamente, conforme vinha acontecendo.

Maria Elena não podia desconfiar do que estava ocorrendo na casa da lombada.

Mais tarde, ele a poria a par de tudo, porém ainda era muito cedo...

Jantaram em silêncio. Em certo momento, a moça olhou para ele e falou:

— Acho que você devia ficar aqui em minha casa, ao invés de ficar morando sozinho naquela casa na lombada, Frank.

— Não, obrigado — recusou ele, com um sorriso. — Seus guisados seriam capazes de me tentar, mas a gente tem que usar a razão. Não ficaria bem eu morar aqui. Você conhece a língua do povo, e um homem sob o seu teto...

— Eu não me importo com os linguarudos. Todos sabem que serei fiel a Lance até minha morte — murmurou Maria Elena, com os olhos marejados de lágrimas.

— Eu sei, mas acontece que gosto de solidão. Sempre gostei, desde jovem, compreende?

— Sim, mas houve um tempo no qual você não cavalgava sozinho.

— Bem, aqueles tempos eram outros bem diferentes dos atuais... Eu e Lance éramos inseparáveis. Ele era muito mais novo do que eu, mas nós nos entendíamos muito bem. Éramos como irmãos — pigarreou e provou o bolo de carne. — Está uma maravilha! Muito melhor que o feijão! Maria Elena, você é a melhor cozinheira que já conheci!

— Fico satisfeita que tenha gostado do que preparei para hoje — sorriu mais animada e perguntou: — Por que Lance pediu que você viesse a Eagle Pass? Ultimamente ele andava muito preocupado, sabe? Você sabe por quê?

— Não, mas quando recebi sua carta, vim imediatamente. Não entendo por que quis encontrar-se comigo em Eagle Pass, quando teria sido bem mais agradável esperar-me aqui em Pedras Negras. Por que ele foi atravessar o rio?

— Não sei — suspirou a jovem mexicana. — Ultimamente Lance andava muito misterioso. Não adiantava eu perguntar, porque ele nada me respondia. Aproveitou, enquanto fui à feira de Carrizo para vender os tecidos que fiz à mão, para escapulir de meu controle. Atravessou o Rio Grande para encontrar-se com você no Texas. Eu só soube o que ele tinha feito, depois que cheguei em casa. Mas já era tarde demais. Tudo estava consumado, como sabe.

— Sei. Você imagina por que ele estava preocupado?

— Muito pouca coisa. Lance me falou de Rinaldo Luján. Disse-me que queria vê-lo, mas Luján é o homem mais difícil de ser encontrado... Sempre anda perdido por aí com suas fantasias.

— Quem é Rinaldo Luján e quais são suas fantasias? — interessou-se Frank Cole.

— É um pobre visionário que vive sonhando com prata. Não se cansa de falar que tem uma facilidade extraordinária para localizar veios de prata, mas, na verdade, creio que ainda não achou um. Não sei por que Lance queria falar com esse maluco.

— Talvez ele tivesse algum motivo — disse Frank. — Só isso? Você não tem mais nada para me contar?

— Já lhe contei quase tudo. Ah, Lance também demonstrou interesse exagerado para encontrar-se com o prefeito Bastedo.

— E o prefeito deste povoado?

— Hector Bastedo é o homem mais rico e mais respeitado em Pedras Negras... Estamos falando nele, e ele está chegando — disse a jovem.

Frank olhou rapidamente pela janela e ficou observando com interesse o homem que desmontava na frente da casa e amarrava o alazão numa árvore que estava próxima àquela humilde residência.

Era um homem moreno, forte, de cabelos e bigode bem negros e se vestia com elegância e luxo: abotoaduras de prata, botas brilhantes e um chapéu estilo mexicano, bonito e vistoso, que tirou antes de chegar à porta da casa de Maria Elena.

Bateu suavemente, e a moça abriu em seguida.

— Entre, senhor — convidou-o. — O senhor deseja tomar alguma coisa?

— Não, obrigado, Maria Elena — respondeu Bastedo, sorrindo e exibindo uma dentadura muito branca e perfeita, sem deixar de bater com o chicote na coxa, ritmicamente. — Só quero um copo de água, menina, o sol está escaldante.

— Está mesmo, senhor Bastedo — sorriu a moça, afastando-se para atendê-lo. Mas antes, parou perto da mesa e disse: — Apresento-lhe um amigo, senhor Bastedo. Frank

Cole veio de muito longe para ajudar meu pobre Lance a resolver seus problemas... Infelizmente chegou tarde demais para ajudá-lo...

— Muito prazer em conhecê-lo — disse o prefeito de Pedras Negras, estendendo a mão para Frank Cole. — Quero que ambos recebam os meus mais sinceros pêsames. Lance era um bom rapaz, e eu não compreendo o que pôde acontecer em Eagle Pass para provocar seu linchamento. Bem, estão comentando que tudo começou quando ele matou um homem por causa de trapaças de jogo.

— Já ouvi este comentário, mas eu conhecia Lance e sei que ele nunca mataria alguém por causa de trapaças ocorridas durante uma partida de pôquer — defendeu-o Frank.

— Então, os moradores de Eagle Pass deviam estar equivocados — disse Bastedo, com ar pesaroso. — Eu, pessoalmente, jamais gostei da gente que mora naquele povoado. São pessoas violentas, rancorosas e briguentas.

— Sei disso tudo, prefeito — respondeu Cole, em tom grave.

— Sendo tão amigo de Lance Shelton, por acaso não sabe por que ele foi a Eagle Pass e por que o chamou? — Bastedo parecia interessado.

— Não, não sei por que ele me pediu que viesse, e, quando cheguei, encontrei-o morto. Esperava que o senhor me pudesse esclarecer alguma coisa, pois Maria Elena me disse que Lance tinha interesse em encontrar-se com o senhor.

— E não imagina como lamentei não poder recebe-lo, meu amigo — retrucou Bastedo, com pesar. — Tive necessidade de ausentar-me de Pedras Negras por alguns dias e, quando voltei, Lance já tinha ido para o Texas.

Depois disso, não tomei a vê-lo, desgraçadamente. Como vê, pouco posso ajudá-lo...

— E eu lamento por isso, senhor Bastedo — murmurou Frank, com os olhos entrecerrados. — Teria sido muita sorte se me pudesse ajudar...

— Talvez o que ele queria falar comigo não tivesse qualquer ligação com o que lhe aconteceu do outro lado da fronteira. Na realidade. Lance era um rapaz muito reservado e pouco falava de sua vida. Se Maria Elena, que era sua noiva, não sabe o que ele estava pensando, não acredito que qualquer outra pessoa pudesse sabê-lo.

— É, o senhor deve estar com razão — admitiu Frank, agora parecendo mais interessado na torta de carne. — Se o senhor me der licença...

— Claro, meu amigo, não quero interromper seu almoço. Continue comendo e não se preocupe comigo. Só passei por aqui para manifestar meu pesar a Maria Elena. Não vou demorar-me...

Sorriu, acabou de beber a água que estava no copo e levantou, sem deixar de bater com o chicote na coxa. Olhou para a moça mexicana e falou-lhe amavelmente:

— Você sabe, querida, que estou a seu inteiro dispor, para tudo de que possa precisar. Pode procurar-me a qualquer momento, menina.

— Se precisar de alguma coisa, falarei com o senhor — prometeu a jovem, com os olhos marejados de lágrimas, acompanhando-o à saída.

Quando voltou à sala, olhou para Frank Cole e disse:

— O senhor Bastedo é um homem muito amável, não achou?

— Sim, muito — concordou Cole, sem comentar mais nada.

Porém, quando regressou à casa da lombada, olhou para o homem que estava estendido na cama, com o rosto e mãos completamente enfaixados, e comentou com agressividade:

— Seu amigo, o prefeito Hector Bastedo me mentiu, Lance. Negou que tivesse cruzado com você antes de cruzar a fronteira. Não sei por que mentiu, se eu sabia que você tinha estado em seu gabinete?

— Não sei e não entendo... — retrucou uma voz cavernosa que brotava por entre as faixas. — Hector Bastedo sempre foi um bom amigo. .

— Maria Elena também pensa assim, mas ele está mentindo. Por que ele mentiu. Lance, e o que você andava procurando? O que estava acontecendo para você ficar tão preocupado?

Lance Shelton demorou para responder e, quando falou, sua voz tremia ligeiramente:

— Prata, Frank, prata que nos deixaria milionários...

# CAPÍTULO QUINTO

*Um medo incontido*

— As coisas começam a complicar-se neste lugar, Bastedo.

O prefeito de Pedras Negras olhou fixamente para o homem sentado diante dele, no recanto mais escuro do aposento e à contraluz, de forma que sua figura se misturava às sombras que o cercavam no meio daquela penumbra.

— Por que está falando isso? — quis saber Hector Bastedo.

— Há pessoas exigindo que o xerife comece a agir no sentido de descobrir quem deu dinheiro a Gordon Cosby para o pistoleiro se encarregar de Mike Roberts.

— Essa notícia não me é agradável. Quem são os homens que querem forçar Doyle?

— Pessoas que se consideram honestas — riu o outro. — As mesmas que se escandalizaram ao saberem que Lance Shelton era inocente. Entre elas, estão o dono do saloon, o dono do armazém, Jake Bellwood, que quase foi massacrado por Gordon Cosby... E também muitos outros que escutaram a confissão do pistoleiro quando o forasteiro o feriu mortalmente. Parece que Cosby se arrependeu na hora da morte e confessou tudo o que pôde, dentro do limite imposto pelo tempo.

— Creio que já sei quem é aquele forasteiro.

— Verdade? — a voz de seu misterioso interlocutor parecia mais interessada.

— Acho que é Frank Cole, um pistoleiro amigo de Lance Shelton. Está aqui em Pedras Negras e hoje almoçou na casa da noiva de Lance. Seu aspecto corresponde perfeitamente às informações que recebi sobre o homem que matou Cosby.

— Imagina que ele saiba sobre os negócios de Shelton? — perguntou a voz envolta pela penumbra.

com uma certa inquietude.

— Não sei. Se souber alguma coisa, não deve ser muito, pois acaba de chegar a Pedras Negras. Primeiro, tratou do enterro do amigo... É só isso que sei a seu respeito, mas não gostei de seu aspecto. É frio, desconfiado e sagaz.

— E também muito rápido com o revólver — acrescentou o outro. — Cosby não era nenhum calouro ao manejar uma arma, entretanto, nada pôde fazer diante dele. Recebeu uma chumbada direta que o levou para sempre.

— O que podemos fazer contra essa fera?

— Por ora, nada. Só precisamos esperar pelos acontecimentos que ainda virão... Sinceramente, não me agrada nem um pouco que gente de fora apareça por aqui para investigar nossos problemas.

— Nem eu gosto, mas o que posso fazer? — perguntou Hector Bastedo, com voz preocupada.

— Nada. Apenas procure não levantar suspeitas e se esforce para ser seu amigo. Se captar sua confiança, talvez possamos saber quais são seus projetos e planos... Se, por acaso, aparecer por aqui, nós lhe daremos uma recepção calorosa. Shelton não chegou a nos causar problemas, e espero que tampouco seu amigo consiga alguma coisa.

— Então, acha que ainda não podemos dar o passo decisivo?

— Claro que não. Não podemos ter pressa enquanto o segredo não sair à luz. Sabemos que somente nós dois conhecemos sua existência, e isso nos basta.

— Eu preferia tê-lo em minhas mãos agora mesmo.

— Eu também gostaria, mas é melhor a gente aguardar com paciência, Bastedo. Nós não podemos arriscar nossos interesses de forma precipitada. Um passo em falso poderia colocar todos os nossos planos por água abaixo. Precisamos nos manter coesos e agir como dois sócios muito unidos, meu amigo. Não se esqueça de que precisamos de muita calma e paciência.

— Fique descansado, que não me esquecerei — o alcaide se levantou, tentando esquadrinhar seu sócio, mas o esforço foi em vão.

Ele estava com a cabeça inclinada para a frente, seu rosto estava encoberto pelas sombras do recinto, e tinha um chapéu estilo mexicano enterrado até as sobrancelhas. Quando Bastedo viu que continuaria sem conhecer a identidade do sócio, encaminhou-se para a porta, mas, antes de sair, voltou-se e falou:

— Até a próxima vez. Aguardarei notícias suas.

— Espere, porque as terá. Sabe que necessito tanto de você, quanto você de mim. Temos que nos manter unidos para chegarmos a um bom resultado. Lance Shelton foi um contratempo sério que tivemos que resolver. Esperemos que esse tal Frank Cole desista antes de tomar-se um outro.

— E se ele se tomar um outro, o que vamos fazer? — perguntou Hector Bastedo.

— Faremos com ele algo semelhante — respondeu o desconhecido, friamente. — Quando um estorvo aparece, só podemos eliminá-lo.

— Era isso exatamente o que queria saber — concordou o homem mais importante de Pedras Negras. — Vou vigiá-lo constantemente.

— Faça-o. Não podemos correr o risco de perder uma fortuna em prata. Sabe disso tanto quanto eu.

A cortina de tecido pesado caiu em silêncio. Hector Bastedo saiu do aposento, deixando seu sócio de Eagle Pass lá dentro.

Este soltou uma risadinha meio cínica quando se levantava lentamente. Depois, abriu todas as cortinas da sala para clareá-la e murmurou:

— Muito bem, meu querido sócio, só espero que você não procure ser muito esperto e nem tente penetrar muito no assunto. Não seria conveniente que soubesse quem eu sou. Ninguém nesta cidade deve suspeitar de meus propósitos e intenções...

Riu novamente, disposto a voltar para o outro lado do Rio Grande. Estava satisfeito com a entrevista mantida com o sócio mexicano.

* * *

Ross Mulligan olhou para Hank, seu capanga de confiança, com cara de enfado.

— Diabos! — exclamou com mal-humor. — O imbecil do Cosby quase pôs tudo a perder. Covardia inútil, porque agora ninguém mais poderá devolver a vida ao jovem pistoleiro que foi linchado em Pedras Negras. O que vamos fazer, Hank?

— Apesar disso, há muita gente pressionando o xerife Doyle para que inicie as investigações a fim de prender todos os que tomaram parte no linchamento de Lance Shelton — respondeu Hank, com alguma preocupação. —

Se as investigações forem iniciadas, não sei o que poderá acontecer...

— Doyle é tão responsável quanto nós. Ele tolerou o linchamento e praticamente deu seu aval. Tolerou-o, como tolera muitas outras coisas. Todo o mundo sabe que ele é um dos protegidos do patrão, que não passa de um xerife corrupto. Não tenho medo e nem acredito que ele faça muita coisa.

— A confissão de Cosby modificou o ambiente, Ross — lamuriou-se Hank. — Você não percebe que muitos dariam tudo que têm para crucificar-nos por causa daquele linchamento infeliz? Nunca deveriam ter escolhido Cosby para matar Mike Roberts. Um poltrão, que foi ter remorsos na hora da morte!

— Cale-se, imbecil — irritou-se Ross Mulligan, passando a mão pelos cabelos albinos e translúcidos. — Não sabemos o que poderá acontecer conosco quando nossa hora chegar... O desgraçado agora está morto e enterrado, mas sentiu uma ponta de arrependimento e quis confessar seu último delito.

— Agora ele está morto, mas muitos dirão que linchamos Lance por interesses pessoais ou então porque executávamos ordens do patrão.

— Deixe o povo falar o que quiser — riu Ross Mulligan, com amargor. — Ninguém poderá nos condenar por isso. Foram muitos os que tomaram parte naquele linchamento. Lembre-se de que não fomos só nós dois que matamos Lance Shelton. Apenas fizemos parte do grupo.

— Alguém pode descobrir que fomos nós que pusemos lenha na fornalha, que fomentamos o grupo para efetuar o linchamento...

— Faça o favor de calar-se de uma vez por todas, estúpido! — berrou Ross Mulligan, segurando o peito da

camisa de Hank e o sacudindo com violência, quase o levantando do solo. — Nós não induzimos ninguém, entendeu? Meta isso em sua cabeça e pare de falar idiotices! Nós não induzimos ninguém! O que aconteceu foi um movimento coletivo de todo o povoado. Ninguém pode ser processado pela morte de Lance, porque, se processarem uma pessoa, terão que processar a cidade inteira.

Calou-se e soltou Hank com um safanão. Este teve vontade de reagir à altura, mas quando olhou para o albino sentiu temor, pois todos sabiam que Ross Mulligan era o homem de confiança do todo-poderoso Jonathan Welby, o fazendeiro mais influente de Eagle Pass.

Preferiu sair do celeiro apressadamente, e tomou esta decisão sobretudo porque viu o jovem Scott Welby se aproximando.

O rapaz era irmão de Jonathan e o administrador geral da propriedade.

— Olá, Hank — cumprimentou-o o louro Welby, sorrindo. — Tudo bem por aqui?

— Sim, senhor — afirmou Hank timidamente, com um sorriso forçado, sem parar, e continuando seu caminho para os pastos.

Scott Welby pareceu intrigado. Ficou observando Hank, que se afastava com passos apressados. Quase em seguida, descobriu Ross Mulligan no interior do celeiro, e este era seu capataz de confiança. Perguntou-lhe com certa curiosidade:

— O que aconteceu com Hank? Parece que anda ressabiado nestes últimos dias?

— Não é nada demais, senhor — respondeu Ross Mulligan, como se o caso não fosse importante. — Hank, às vezes, fica um pouco assustado por qualquer coisa. Agora, por exemplo, está amedrontado com o que

aconteceu no povoado há poucos dias. Está alarmado e acredita estar vendo pistoleiros por todos os lados.

— Entendo. Você está se referindo a Cosby, não é? Na minha opinião todas as pessoas vis, como ele, deviam ter um fim idêntico — sorriu o irmão do fazendeiro. — Pelo que me contaram, entendi que por muito pouco não matou o dono do armazém, o nosso amigo Jake Bellwood. Que o assassinato só não ocorreu graças à intervenção de um forasteiro...

— Foi isso exatamente o que aconteceu, senhor — respondeu Ross Mulligan, com um sorriso amarelo. — E agora, se o senhor me der licença, vou cuidar de minhas obrigações.

Afastou-se rapidamente quando Scott Welby entrava no celeiro. Ia fazer um levantamento sobre a quantidade de feno estocado, e também tratar de outras incumbências que estavam sob sua responsabilidade.

Estava entretido no trabalho, quando escutou o ruído das rodas da carruagem rolarem pelo pátio e já passando pelo arco de madeira adornado com a cabeça de uma rês esculpida à mão.

— São eles — murmurou Scott, ao reconhecer os recém-chegados.

Fechou o livro de registro que estava manuseando e saiu apressadamente ao encontro da carruagem que já havia parado.

Dois homens desceram do carro. Um era alto, magro de cabelos inteiramente grisalhos. Aparentava mais de sessenta anos e tinha feições enérgicas.

O outro era mais jovem e se parecia muito com ele. Tinha aspecto risonho e jovial. Seu rosto refletia uma certa doçura que em nada lembrava a expressão severa e sombria

de seu acompanhante. Ambos se vestiam com muita elegância para um povoado como Eagle Pass.

O condutor do veículo era um tipo negro, de cabeça branca e também usava um uniforme elegante.

— Sejam bem-vindos à fazenda, senhor Buchnan — cumprimentou-os Scott Welby, cordialmente, estendendo a mão para os recém-chegados. — Como está, Drake?

— Muito bem, Scott. Sabe se Marsha está em casa? — perguntou o filho de Rex Buchnan.

Este era um fazendeiro importante do condado e também sócio do Consórcio Pecuarista de Maverick.

— Em casa não creio que ela esteja, mas anda pela fazenda — riu Scott, piscando o olho para o amigo. — Desconfio que Marsha estava torcendo para que você aparecesse por aqui.

— Scott, vim porque tenho negócios para tratar com seu irmão — disse Rex Buchnan, com uma voz seca e sem inflexões. — Porém Drake é uma nulidade e não entende nada sobre administração de fazendas ou criação de gado. Só sabe cortejar moças bonitas, e foi para fazer isso que veio comigo.

— Papai, não precisa ser tão claro — interveio o jovem, um pouco sem jeito. — Quando eu tiver mais idade, aprendo tudo.

Rex Buchnan teve um riso amarelo e sacudiu os ombros. Tirou o chapéu de copa alta e acompanhou Scott.

Quase em seguida, como se tivessem pressentido a chegada dos visitantes, o dono da fazenda e sua filha apareceram no alpendre.

Marsha Welby era uma jovem linda, muito loura e de olhos verdes. Naquele momento, usava uma saia de couro, uma camisa xadrez e um chapéu texano. Os olhos alegres e

refulgentes pousaram nos homens que acabavam de chegar, enquanto seu pai se mantinha carrancudo como sempre.

— Olá, Jonathan, como vão as coisas por aqui? — cumprimentou Rex Buchnan, com cordialidade.

— Não posso queixar-me — respondeu o fazendeiro, movendo a cabeça afirmativamente. — E com você?

— Tudo sem novidade. O gado anda muito bem... Bom-dia, Marsha. Cada vez está ficando mais linda.

— Obrigada, senhor Buchnan — respondeu a jovem, abaixando os olhos, enquanto as faces se avermelhavam. — O senhor é muito amável.

— Nada disso, querida. Sabe muito bem que sempre falo a verdade. Drake, você não veio para passear com Marsha? O que está esperando? Por que não fala com ela?

— Papai, por favor... Eu nem sei se Marsha está com vontade de passear...

— Você chegou na hora exata, Drake. Eu já estava saindo para os pastos — sorriu a moça. — Se quiser vir comigo...

— É evidente que quero — respondeu Drake, com entusiasmo.

Os dois jovens se afastaram, conversando e rindo.

Buchnan e Welby permaneceram no alpendre, enquanto Scott se metia dentro de casa com uma desculpa mais ou menos esfarrapada.

Os dois fazendeiros se encararam. Eram os homens mais ricos e poderosos da comarca, as pessoas mais influentes de Eagle Pass.

— Veio por causa do consórcio, Rex? — perguntou Jonathan Welby, sem esboçar um sorriso.

— Não. Usei este assunto como um pretexto — respondeu Buchnan, fitando o sócio fixamente.

— Foi o que imaginei — observou Jonathan Welby, com muita ironia. — Nos nos conhecemos muito bem para podermos enganar-nos mutuamente. O que está acontecendo, Rex?

— Muitas coisas, mas nenhuma que seja boa para a comarca e nem tampouco para nós.

— Explique-me tudo, pois não estou entendendo.

— O caso do linchamento do jovem pistoleiro continua rendendo, sabe? Não é nada bom.

— Isso já acabou — Welby passou a mão pelo queixo e confirmou: — Tudo já foi resolvido, Rex. O caso foi realmente lamentável, mas nós não tivemos participação nele.

— Não é bem isso o que o povo está falando, Jonathan. Há muita gente afirmando que Ross Mulligan e outros homens que trabalham aqui na fazenda estavam tomando parte ativa no linchamento.

— Tolices — refutou o fazendeiro Welby, com os olhos cintilantes de raiva. — Eu nada tenho a ver com isso, e Mulligan tampouco. Era sua noite de folga, tinha abusado da bebida, como todos os outros vaqueiros que desejam divertir-se. Talvez tenha participado do ato, mas já está comprovado que havia mais de cem linchadores... e nem todos trabalham para mim.

— Eu sei disso, Jonathan, mas acontece que todos estão murmurando pela cidade. Dizem que Mulligan não teria tomado parte ativa no ato se você não lhe tivesse ordenado... E o que mais se escuta nas ruas.

— Então, estão dizendo que fui eu quem ordenou o linchamento? — exclamou Welby, rubro de ódio. — Só queria saber por quê.

— Não sei, mas fique calmo, não se irrite. As coisas estariam acontecendo de forma bem diferente se o pistoleiro

Cosby não tivesse confessado que matara Mike Roberts por ordem de alguém que lhe havia pago para realizar o serviço. Desde então, os comentários proliferaram. E tem mais: todos sabem que você não se entendia e nem apreciava Mike Roberts.

— Jamais ouvi outra calúnia tão vil! — gritou o dono da casa. — Diga aos caluniadores que estão espalhando tais infâmias que apresentem provas do que estão falando ou, então, eu os acusarei perante a lei! Ninguém tem direito de difamar alguém impunemente. Estou assombrado por saber que você se preocupou com esse falatório que não leva a nada, Rex.

— Eu não dei ouvidos aos comentários, mas achei que você devia ficar a par do que estava acontecendo. Vim previne-lo porque sei que, hoje à noite, você deve ir à festa que se realizará em Eagle Pass. Imaginei que fosse levar Marsha ao baile de gala. Achei que precisava saber que não seria bem recebido no povoado. Os ânimos estão exaltados, e talvez ocorram alguns incidentes. As pessoas honestas andam bastante exaltadas nos últimos dias.

— Mande os honestos e os cafajestes para o inferno! Eu não temo ninguém — declarou Welby, com arrogância. — Esta noite irei ao povoado e quero ver quem ousará aborrecer-me. Eles que se cuidem, porque posso pô-los na cadeia! Você também irá ao baile?

— Evidente. Drake está entusiasmado para assistir a todos os festejos, suponho que seja por causa de Marsha... Eles são jovens e...

— Muito bem, então hoje à noite nós nos veremos, e pode ter certeza de que nada vai acontecer, sócio. Tenho minha consciência na mais santa paz, para preocupar-me com os ladridos de uma corja de difamadores.

Os dois estavam agora conversando na sala de jantar da fazenda, e o anfitrião serviu uma dose de uísque ao visitante.

Continuaram conversando até os jovens retomarem do passeio. Ambos vinham sorridentes. As faces de Marsha estavam coradas, e seus olhos ainda mais cintilantes. Drake Buchnan também parecia irradiar felicidade.

Pouco depois, pai e filho se despediram dos Welby e regressaram à fazenda, que era a mais próxima da propriedade de Jonathan.

O fazendeiro permaneceu no alpendre, pensativo, enquanto acompanhava as montanhas de poeira que as rodas da carruagem iam levantando. Ainda continuava no mesmo lugar quando seu irmão Scott parou a seu lado.

— Não pude evitar de ouvir toda a conversa, Jonathan — falou prudentemente.

— E daí? — gritou Jonathan, olhando-o com raiva.

— Nada, nada... Eu não havia comentado, mas também escutei alguns rumores inquietantes. As pessoas nestes últimos dias me têm olhado de forma diferente... com mais agressividade. Talvez não seja prudente você ir à cidade esta noite, Jonathan.

— Scott, cuide de seus assuntos e se esqueça dos meus — enfureceu-se o irmão mais velho. — Eu sou Jonathan Welby e sempre fiz o que quis. De mais a mais, não vejo motivos para preocupar-me.

— Em seu lugar, não teria tanta certeza. Não sou covarde, mas senti medo e animosidade quando estive no povoado. Todos me olhavam com ódio, e também estão dizendo que aquele forasteiro falou que o espírito de Lance Shelton, o jovem linchado injustamente, possivelmente voltaria para vingar-se dos homens que o mataram.

— Tanto faz que os fantasmas se vinguem ou não — cortou Jonathan Welby. — Eu nada tive a ver com o linchamento. Ou, por acaso, você também duvida de mim?

— Claro que não duvido de você, Jonathan. Só estou falando porque tenho sentido medo, sem saber de quê.

— Talvez esteja com medo porque é um grande covarde, Scott! — disse o irmão, com desprezo. — Ou por acaso, pode encontrar uma outra causa.

Scott entrou de novo na casa, bateu a porta com força, e a pancada ficou ressoando no alpendre.

# CAPÍTULO SEXTO

*Uma noite de festa*

Aquela noite de sábado seria uma noite especial.

Todos os vaqueiros estavam de folga espalhados pelo saloon e pelas cantinas. Alguns se divertiam jogando, outros bebendo, e a maioria estava à cata de garotas alegres para se distraírem.

Também seria realizado o baile de gala, que abriria oficialmente as festas organizadas anualmente pelos criadores de gado. Por isso, as pessoas mais importantes de Eagle Pass vinham chegando ao maior alpendre do povoado.

As ruas estavam bem iluminadas. O saloon e as cantinas estavam repletas, e, quando a caleça dos Welby chegou, teve que estacionar longe do alpendre, pois a rua já estava tomada por fileiras de carruagens.

Na verdade, Jonathan e Marsha ficaram mais perto do saloon do que propriamente do local da festa, Jonathan Welby e sua filha desceram do carro. Ele usava uma casaca de corte impecável e camisa de seda. A moça estava linda. Seu vestido era verde-esmeralda, de decote grande, que deixava seus ombros desnudos e realçava todos os seus encantos de mulher jovem e formosa.

Marsha deu o braço ao pai ao começarem a andar pela calçada. Quase no mesmo instante, vários vaqueiros

embriagados saíram do saloon, rindo e falando com voz engrolada.

Um destes quase tropeçou na jovem.

A moça chegou a sentir seu hálito fétido no rosto.

— Tenha cuidado, amigo — disse o fazendeiro, com voz áspera. — Veja bem por onde anda. Você quase atropelou uma dama.

— Não sabe quanto lamento — riu o bêbado, fitando o pai e a filha, com os olhos avermelhados. — Há muito não víamos alguém tão bela. Poderão perdoar— me?

— Claro — respondeu Jonathan. — Está perdoado, e agora siga seu caminho.

Porém o impasse não seria resolvido tão facilmente. O tipo continuou olhando para a jovem. Marsha abaixou os olhos. Tinha a impressão de que ele a despia lentamente. Os outros riam de forma desagradável.

— Não pensei que o senhor fosse um homem tão generoso, cavalheiro — caçoou um outro. — A dama realmente é linda, rapazes. Há muito eu não via ombros tão sedutores.

Quase no mesmo instante uma mão deslizou pelos ombros de Marsha, que deu um passo para trás, procurando fugir daquele contato.

— Não toquem em minha filha, bêbados! Afastem— se daqui imediatamente! — rugiu Jonathan.

— Vejam, o velho está zangado — zombou um dos vaqueiros. — Você não devia ter tocado nos ombros da senhorita quando poderia ter pegado em suas maminhas, seu tolo!

E, antes que Marsha ou o pai pudessem fazer algo para evitar, o homem colocou as mãos sobre o vestido e apertou os seios túrgidos da moça. Esta gritou assustada. O pai não se conteve mais e esbofeteou o atrevido. Este revidou e deu

uma bofetada na face do rancheiro com tanta violência, que Jonathan resvalou até chocar-se com o muro de uma residência. Quase imediatamente Marsha se viu cercada pelos vaqueiros embriagados. Estava aterrorizada e gritou quando notou que o pai ia apanhar a arma que trazia sob a casaca:

— Não, papai, não faça isso!

Os vaqueiros reagiram de forma inesperada para quem estava encharcado de álcool. Sacaram as armas rapidamente e teriam matado Welby se um anjo protetor não tivesse surgido naquele momento.

Um revólver rugiu diversas vezes. Gritos vararam a noite, armas voaram pelos ares, ao serem arrancadas das mãos de seus donos juntamente com partes de seus dedos, destroçados pelo chumbo. Marsha gritava angustiada sem saber o que estava acontecendo e temendo pela vida do pai.

Porém aquele manancial de tiros não visava Jonathan Welby, mas seus agressores. Três destes foram desarmados, um outro teve o peito perfurado, e o quinto, que ainda continuava ileso, levantou as mãos para o céu, em sinal de rendição.

— Por favor, não dispare! Eu me entrego! — gritou o homem, agora com voz normal, sentindo-se realmente assustado.

Marsha correu para perto do pai, sem ainda acreditar que ele estivesse vivo. Depois, olhou para o desconhecido.

Viu um homem alto, com o chapéu enterrado até as sobrancelhas, o corpo quase inteiramente coberto por uma capa sem mangas e com a gola levantada, o que também ajudava a encobrir seu rosto. Somente o coldre vazio estava bem à mostra, naquele instante.

— Meu Deus... — soluçou a jovem. — Papai, você poderia estar morto... O senhor... salvou meu pai. Muito obrigada, muito obrigada, senhor...

— Não precisa agradecer-me, senhorita — disse o desconhecido com voz fria e suave, enquanto seus olhos acompanhavam os vaqueiros desarmados que se afastavam às carreiras. — Não tolero que molestem uma dama ou que tentem assassinar friamente um homem idoso que não deve ter muita rapidez com as armas.

Jonathan Welby se levantou lentamente, guardou a arma, sem desviar os olhos do desconhecido, com expressão de surpresa e emoção.

— Não sei o que lhe dizer, amigo — sussurrou, estendendo a mão para seu salvador. — Tenho certeza de que hoje ganhei um amigo para a vida toda. Sou Jonathan Welby e sei o que fez por mim e minha filha neste momento, cavalheiro.

— Não sou cavalheiro — riu o jovem desconhecido, que continuava com a arma fumegante na mão. — Sou um pistoleiro, senhor Welby. Um pistoleiro chamado Frank Cole.

— Imagino que seja o mesmo homem que matou Gordon Cosby — respondeu Welby, apertando sua mão. — Hoje, o senhor nos salvou.

— É verdade — confirmou o rapaz.

— Naquela noite o senhor salvou a vida de outro homem, e hoje salvou a minha. São duas ações dignas de elogio, senhor Cole. Parece estar predestinado a ajudar as pessoas que se encontram em apuros...

— É, até que está aparecendo — sorriu o pistoleiro, olhando para Marsha, que o fitava com um olhar de fascinação. — A senhorita se encontra bem?

— Sim, muito, muito obrigada — murmurou ela, desviando os olhos verdes e ficando rubra como uma maçã. — Nós lhe devemos muito, senhor Cole... Meu nome é Marsha, Marsha Welby. Nunca me esquecerei do que fez por nós esta noite... O senhor vai ao baile?

— Não, senhorita. Tenho outras coisas para fazer.

— Não sabe como lamento... — calou-se e olhou para a carruagem que estava parando no meio da rua, agora repleta de curiosos.

Viu Drake, Scott e o senhor Rex Buchnan. Os três homens rapidamente andaram para onde eles estavam, e, assim que chegaram perto, Marsha lhe disse:

— Graças a este senhor, eu e meu pai continuamos vivos!

Drake segurou as duas mãos da jovem entre as suas. Parecia surpreendido e alarmado, enquanto ela lhes contava o que havia acontecido. Os três homens agora olhavam para Frank Cole com admiração e, quando Marsha se calou, Rex Buchnan aproximou-se dele e lhe disse:

— O senhor reapareceu no povoado somente para fazer o bem... Os Welby são meus amigos. Obrigado por tê-los protegido, senhor...

— Cole. Frank Cole — sorriu friamente o jovem pistoleiro. — De modo que o senhor é o segundo mais rico fazendeiro do Consórcio de Maverick?

— É verdade, senhor Cole. Estes dois são meu filho Drake e Scott Welby, irmão de meu sócio e amigo, Jonathan Welby. Esta noite, ele veio conosco sem nem imaginar os maus momentos que seu irmão e sua sobrinha iriam passar.

— Duvido muito que eu pudesse fazer alguma coisa diante do que aconteceu — murmurou Scott Welby, tão branco como um cadáver. — A sorte foi a presença providencial do senhor Cole no momento do assalto.

Frank olhava para todos, com uma expressão entre intrigada e perplexa.

— Não sei como agradecer-lhe, senhor Cole — foi a vez de Drake Buchnan estender-lhe a mão cordialmente. — O senhor salvou a vida de uma moça que tem um valor muito especial para mim.

— Compreendo — sorriu Cole, estreitando a mão que lhe era oferecida. — Agora, que tudo está resolvido, perdoem-me, mas tenho que fazer algumas coisas que me trouxeram a Eagle Pass esta noite. Tive um prazer imenso em conhecê-los. Senhorita Welby...

Inclinou-se diante da moça, respeitosamente, e, em seguida, começou a afastar-se. Foi então que Jonathan Welby lhe perguntou:

— Perdoe minha indiscrição, senhor Cole, mas o que veio fazer exatamente esta noite quando todos vão comparecer ao baile de gala?

Cole não parou de andar, não se virou para olhá-lo, mas respondeu de forma clara e direta:

— Eu vim para vingar a morte de um amigo, senhor Welby. Um amigo que alguém mandou matar, forjando um vulgar linchamento... — não disse mais nada e se afastou.

Scott Welby comentou, sem muito entusiasmo:

— Admiro esse homem, mas ele me causa um medo desconhecido... Não sei por quê. Sinto medo só em vê-lo.

— Eu também senti medo, Scott — confessou Jonathan Welby, acompanhando o forasteiro com o olhar.

* * *

Hank engoliu mais um trago e olhou para o relógio de parede que estava próximo do bar.

Sentia a cabeça pesada e sabia o motivo daquele mal-estar. Tinha bebido além da conta, seu fígado já estava reclamando, e também havia escutado alguns disparos na noite. Alguém lhe dissera que ó mesmo homem que havia matado Gordon Cosby tinha acabado de salvar Jonathan Welby e sua filha Marsha.

Hank sentia-se inquieto e inseguro desde que obteve aquela informação. Tinha procurado Ross Mulligan por todo o povoado, sem encontrá-lo em lugar algum. Perdera a vontade de divertir-se e passara a noite bebendo. Só tinha desejo de voltar logo para o rancho.

— Rusty, eu já vou indo — disse ao cantineiro. — Estou cansado e sem vontade de me divertir.

— Até é bom. Esta noite, muita gente está bêbada — riu Rusty, com ironia.

Hank não gostou daquele comentário mordaz. Entendia onde Rusty estava querendo chegar. Muita gente agora o olhava com desprezo e receio por saberem que fora um dos linchadores mais ativos e atuante do jovem pistoleiro inocente.

Se pelo menos o maldito Mulligan aparecesse logo...

Saiu à rua, que agora já não estava tão movimentada. A animação prosseguia no saloon, bares e cantinas.

A música do baile chegava a quase todos os pontos do povoado, mas Hank não estava interessado em ouvir aqueles acordes maviosos.

Começou a andar pela calçada, a fim de apanhar a montaria.

— Boa-noite, Hank — cumprimentou-o uma voz fria, repentinamente.

Parou, enquanto um calafrio corria por sua coluna.

Não gostou da voz e muito menos de seu tom gélido.

— Quem... quem está falando? — perguntou, colocando instintivamente a mão na coronha do Colt.

— Sou eu, Hank — respondeu a mesma voz, com entonação metálica.

Quase simultaneamente, um homem surgiu das sombras. Era alto, muito alto, e dava a impressão de ser um fantasma que se tivesse materializado subitamente à sua frente. Seu rosto estava oculto pelo chapéu e pela gola da capa que se agitava levemente com o movimento do ar quente da noite de verão.

— Eu não conheço você — disse Hank, cada vez mais preocupado.

— O que interessa é que eu o conheço, Hank. Já averiguei muitas coisas sobre você. Sei que trabalha na fazenda de Jonathan Welby e que Ross Mulligan é seu capataz.

— Isso está certo — respondeu Hank, com surpresa.

— Mas o que quer comigo?

— Também sei que você é muito unido a Mulligan, sempre são vistos juntos, inclusive nos linchamentos, não é, Hank?

Uma onda de terror se apossou do vaqueiro, enquanto o desconhecido se movia passo a passo, pela calçada empoeirada, em sua direção.

Cada vez parecia mais alto, mais sombrio e mais ameaçador.

— Eu não tomei parte no linchamento! — defendeu— se rapidamente, sentindo-se cada vez mais assustado.

— Foi muita gente... Quase todo o povoado... Nunca vi gente tão sedenta de morte... Todos pareciam embriagados de violência...

— Tudo certo, mas foram vocês que atiçaram o fogo, você e Mulligan. Foram os dois que iniciaram o

movimento, lembra? Foram ao hotel onde Lance Shelton estava hospedado, e o tiraram à força de lá, porque tinham encontrado provas falsas contra ele... Recorda-se?

— Foi Rod Slater quem fez isso... Slater é um outro amigo de Mulligan... Eu não estive no hotel, e foi Slater quem colocou o dinheiro na janela de seu quarto! Juro como não tomei parte naquele linchamento!

— Não adianta mentir. Sei que você é tão culpado como o tal Slater ou Mulligan — acusou o desconhecido. — Agora prepare-se porque vim fazer justiça.

— Não! Não, por favor, não se vingue em mim! — gemeu Hank, com voz trêmula. — Juro como não tomei parte naquilo! Tudo foi planejado por Mulligan! Ele nos deu dinheiro para lincharmos aquele rapaz, mas eu não tomei parte no ato final!

— E quem deu o dinheiro a Mulligan para ser distribuído entre vocês todos? Por acaso foi Jonathan Welby? — Cole perguntou, com voz mais gelada.

— Não sei... Mulligan nunca nos falou sobre isso. Só nos disse que havia um patrão que pagava bem... E só isso o que sei... Tive que obedecer às ordens, mas não fui até o final...

— Essas ordens mataram um amigo que eu considerava como um irmão. E por causa de sua morte você morrerá, Hank. Morrerá como ele morreu, apenas com uma diferença. Você terá oportunidade de defender-se.

— Não, por favor, não me mate... — soluçou Hank. — Não quero morrer...

— Tampouco meu amigo queria morrer. Lance Shelton tinha planos lindos para o futuro, e vocês o mataram. Você foi sentenciado à morte e vai pagar seu crime com a vida. Defenda-se, porque sua hora chegou, só que eu lhe darei chances para defender-se.

Hank caiu ajoelhado no chão e suplicou:

— Por piedade, não me mate, e o ajudarei em tudo o que for possível!

Fazia aquela encenação pensando em enganar o inimigo e, enquanto isso, tentava sacar o revólver. Conseguiu apanhá-lo, mas não teve oportunidade de usá-lo. Antes que pudesse acionar o gatilho, recebeu uma carga de chumbo no peito.

Hank caiu de bruços no solo. Estava morto.

Um dos sentenciados havia morrido. Frank Cole era juiz e verdugo...

— Agora estão faltando os outros culpados — murmurou surdamente, quando guardava a arma e contemplava o cadáver de Hank.

# CAPÍTULO SÉTIMO

*Uma emboscada perfeita*

— Nosso negócio está indo muito bem, Lance. Já chegamos praticamente à metade do caminho.

— Não entendo como, se até agora só matou Hank?

— Não estou pensando nisso, rapaz — sorriu Frank Cole. — Estou pensando em você. Minha experiência está dando resultado, e seu rosto já esta ganhando forma. Suas mãos também estão melhorando. Já ultrapassamos a primeira etapa. Aquele cientista era um gênio.

— Nunca pensei que algum dia pudesse sair daqui igualzinho como era — murmurou Lance com emoção, passando as mãos pelo rosto que já estava quase inteiramente recoberto por uma pele nova e macia. Depois também ficou contemplando as mãos, ainda cobertas com partes de enxertos, que estavam em fase de cicatrização. — Frank nunca pensei que esse milagre fosse acontecer... Como poderei agradecer— lhe o que está fazendo por mim?

— Pare de falar tolices. Um dia você salvou minha vida, e eu prometi que lhe devolveria o favor. Agora estamos quites.

— Sou eu quem lhe está devendo, Frank. Salvou minha vida e ainda me devolveu o rosto e as mãos, além de estar sendo minha sombra vingadora.

— Não continue falando. Você deve descansar. Lembre-se de que ainda estamos no início das restaurações.

— Descobriu mais alguma coisa sobre o que lhe falei?

— Não muito. Hank, Slater e Mulligan são apenas assalariados, como também era Gordon Cosby. Todos receberam dinheiro para se empenharem na morte de Mike Roberts e em seu linchamento. Também soube que Roberts era técnico em minérios.

— Era membro da Sociedade de Mineração do Texas. Ele confirmou que minhas suspeitas eram verídicas e prometeu investigar o assunto, tanto em Eagle Pass, como em Pedras Negras. Dias mais tarde, alguém o subornou, e foi por isso què discutimos àquela noite. Nós não brigamos por causa do jogo, o motivo foi mais sério. Os outros, quando ouviram a discussão, acharam que já tinham encontrado o pretexto para liquidar-nos.

— Então, continua pensando que as coisas aconteceram por causa dos dois filões de prata que existem, um em Eagle Pass e o outro em Pedras Negras? — perguntou Frank Cole, pela centésima vez.

— Tenho certeza. São dois filões que podem enriquecer muitas pessoas e, se ficarem restritos somente a duas ou mais, acho que será uma grande injustiça, uma grande maldade. O velho Rinaldo Luján talvez nunca tenha trabalhado em uma mina de prata, mas está por dentro do assunto, apesar de muita gente considerá-lo um louco esclerosado. Nunca vi alguém com tanto faro para localizar prata. Foi Luján quem me deu os detalhes sobre esses dois filões. Não podemos permitir que um americano e um mexicano os explorem sozinhos ou, então, que os ocultem durante uma temporada mais ou menos longa, para um dia terem oportunidade de comprar as terras por uma ninharia

e, depois de poucos meses, começarem a explorar as minas e enriquecerem sozinhos.

— Hector Bastedo deve ser o homem do México, e foi por isso que me mentiu — falou Frank, com alguma preocupação.

— Não sei. Nunca havia suspeitado de Hector Bastedo, mas quem pode ser seu sócio em Eagle Pass?

— Jonathan Welby ou Rex Buchnan? — sugeriu Frank. — Desconfio de ambos, não sei por quê?

— Pode ser um deles. Sabemos que o início de uma mineração requer muito dinheiro, principalmente quando os interessados têm uma coija de assassinos perigosos a seu serviço. Homens que matam mediante um preço que é acertado com antecedência.

— Dinheiro não é problema para aqueles fazendeiros, Lance.

— Mulligan é o capataz de Welby, e isso já facilita as coisas.

— É. Além disso, Hank e Slater também trabalham para ele — disse Frank. — Contudo, não acredito muito nessa possibilidade que me parece por demais inocente. Creio que vou armar uma emboscada para desmascarar nosso adversário misterioso.

— O que está pensando fazer, Frank? — perguntou Lance ao irmão, amigo e camarada.

— Esqueça-se do que falei e deixe tudo por minha conta. Se der certo, talvez apanhemos um peixe gordo na rede... Para começo de conversa, vou fazer uma visitinha ao prefeito Hector Bastedo. Nosso assunto será ameno e atualíssimo.

— O que você pensa fazer, Frank?

— Vou procurar o prefeito de Pedras Negras para conversarmos sobre algo que interessa ao povoado inteiro. Quem por aqui não se interessa por prata?

* * *

Hector Bastedo procurou dominar a surpresa quando Frank Cole proferiu a palavra mágica.

— Prata? — repetiu, meio apalermado. — Do que o senhor está falando?

— Exatamente do que ouviu. Estou falando de prata. Prata de verdade. Uma fortuna para o Texas e também para o México. Minas que podem enriquecer centenas de pessoas e fazer ambas as comarcas progredirem. Ou, então, enriquecer apenas alguns poucos privilegiados, enquanto o resto do povo permanece na mesma miséria.

— Continuo sem entender, senhor Cole — murmurou o mexicano. — O que acaba de falar mais parece uma quimera, uma fantasia.

— Não estou falando de fantasia ou quimera. Lance Shelton sabia da existência dessa prata, e foi por isso que o mataram. Mike Roberts era geólogo da Sociedade de Mineração do Texas e também sabia que havia prata em Eagle Pass e em Pedras Negras.

— Se essas informações forem válidas, onde estão localizadas as minas, senhor Cole?

— Não sei ainda. Esta noite voltarei a Eagle Pass. Sei que um tal de Mulligan e um tal de Slater tomaram parte no linchamento de Lance Shelton. Eles falarão, confessarão quem lhes pagou para matarem o rapaz. E, enquanto estiver lutando para descobrir uma coisa, também acabarei descobrindo onde estão os veios de prata, prefeito. Gostaria de contar com sua colaboração e ajuda, se for possível.

— Sabe que estou inteiramente à sua disposição — disse, com falsa solicitude, o prefeito de Pedras Regras. — O que devo fazer?

— Vir comigo esta noite a Eagle Pass. Ali, investigaremos o que pudermos e acabaremos encontrando uma solução para o caso, bem como para o povoado e seus habitantes.

— Certo. Hoje à noite atravessaremos o rio. Eu o esperarei junto ao dique da barcaça.

Cole despediu-se risonho. Pensou que o prefeito tinha mordido a isca e que antes que o dia anoitecesse, certamente, mandaria alguém à outra margem do Rio Grande com alguma mensagem urgente... Se esta segunda hipótese fosse verdadeira, quando chegassem a Eagle Pass já haveria gente esperando-o com a intenção de matá-lo. Iriam eliminá-lo com rapidez e, dessa forma, as investigações nem seriam iniciadas.

* * *

Frank Cole e o prefeito Bastedo apanharam os cavalos que tinham atravessado o rio numa espécie de caixa de madeira presa à barcaça que os levou para a outra margem do Rio Grande.

O mexicano estava nervoso e irritado. Frank Cole o vigiava disfarçadamente, sabendo que continuaria assim até quando o pessoal que já estava no Texas o apanhasse em emboscada.

Chegaram em Eagle Pass de madrugada. O povoado parecia dormir, e só duas cantinas continuavam abertas.

— Vamos ao bar de Rusty — sugeriu Frank. — Depois que tomarmos um trago, podemos iniciar nossa série de

contatos, que devem ser feitos enquanto estivermos por aqui, prefeito Bastedo.

O mexicano sacudiu a cabeça concordando e olhando dissimuladamente para todos os lados. Entraram na cantina. Rusty sorriu ao vê-lo.

— Olá, forasteiro — cumprimentou-o. — Não pensei que fosse voltar tão depressa, mas isso é muito bom. Cada vez que aparece, limpa um pouco essa cidade imunda. Devíamos ter mais gente como você.

Frank apenas sorriu e pediu dois copos de uísque. Examinou o bar e verificou que não havia ninguém lá dentro. Rusty parecia tranquilo, e eles tomaram a bebida calmamente. Quando Frank ia pagá-la, o taberneiro não permitiu.

— Nada disso, Cole. Você e seu amigo são convidados da casa.

— Obrigado — disse Frank. — Vamos embora, prefeito. Temos muito que fazer.

Começou a andar para a saída, procurando ver a rua por cima dos batentes da porta. Captou um brilho do outro lado, perto do alpendre da casa que estava em frente ao saloon. Aquilo foi o suficiente. Já sabia o que ia acontecer quando pusesse os pés na soleira.

Bastedo também sabia porque mantinha-se afastado e um pouco mais atrás, amarrando as botas.

Frank pensou que, se chegasse perto da porta e empurrasse os batentes, morreria em seguida. Pareceu meio indeciso, e inesperadamente agiu com agilidade que lhe era peculiar. Segurou Hector Bastedo pelo colarinho e o empurrou para a porta com força. O prefeito atravessou os basculantes e imediatamente começou a berrar:

— Não disparem! Não disparem, que sou eu!

Pedido inútil. As armas estavam preparadas para vomitarem chumbo quando alguém saísse do saloon. Bastedo recebeu todas as balas destinadas a Frank Cole. Sofreu espasmos violentos e caiu no meio da rua.

Frank rapidamente disparou contra o único lampião que estava acesso dentro do saloon. Apagou-o, e tudo ficou sumido nas trevas. O cantineiro se escondeu atrás do balcão, enquanto Cole se posicionava junto a uma janela e, em seguida, começava a atirar contra a calçada oposta, para os pontos onde tinham partido as línguas de fogo que haviam alcançado Bastedo.

Houve gritos e gemidos de dor e surpresa. Dois corpos foram jogados na calçada. Rusty arrastou-se pelo chão, a fim de entregar-lhe um rifle.

— Tome isso, Cole.

— Obrigado, amigo.

O tiroteio prosseguiu. As vidraças da janela já estavam estilhaçadas, ou melhor, pulverizadas, por causa das balas que chegavam da calçada oposta. Pouco depois, outros dois homens tentaram fugir, disparando para a janela onde Frank se entrincheirava.

O rapaz sorriu duramente. Aproximou-se da porta do saloon e disparou duas vezes com o Winchester. Os dois homens foram lançados para trás e caíram logo em seguida.

Depois, o silêncio imperou na rua. Rusty acendeu o lampião e se aproximou da porta. Viu quatro corpos baleados, na poeira do chão.

— Puxa, acho que nunca tinha visto nada parecido, meu amigo. Uma verdadeira matança... Ainda bem que acabou...

— Acabou, mas vai continuar — disse uma voz que chegava dos fundos da sala.

Ambos olharam para lá e se depararam com Ross Mulligan, Rod Slater e um outro homem encapuçado. Os

três se vestiam de negro da cabeça aos pés e carregavam armas de alto calibre.

— Solte esse rifle, Cole — ordenou Mulligan.

Frank obedeceu, a morte não estava em seus planos.

— Então, enquanto uns me esperavam na rua, outros me aguardavam no pátio? Juro como me apanharam desprevenido.

— Sabia que você era um inimigo perigoso — falou o encapuçado. — Pobre Bastedo, era meu amigo e meu sócio. Agora, terei que procurar alguém que zele pelos meus interesses no outro lado do rio. Você foi muito perspicaz, mas falhou num ponto...

— Nem desconfiou de que estava sendo seguido o tempo todo — riu Mulligan. — Agora, prepare-se, pois, sua vida está chegando ao fim.

— E quem vai me matar? Talvez eu seja a sombra de Lance Shelton que voltou para vingar-se...

— Aqui ninguém acredita em espíritos. Cole. Como se sente ao saber-se encurralado e indefeso? — perguntou Ross Mulligan.

— Deviam ter feito essa pergunta quando lincharam Lance por ordem desse espantalho. Porém, tenham certeza de uma coisa, a prata que está sob os solos de Eagle Pass e de Pedras Negras não será de vocês.

— Como pôde saber da existência da prata? — perguntou o encapuçado, com surpresa.

— O fantasma de Lance Shelton me contou.

— Pare com essa conversa, que não vai assustar-nos.

Fez um gesto. Slater apontou a arma para Rusty, e Mulligan virou a sua na direção de Frank, mas não tiveram chance de apertar os gatilhos.

# CAPÍTULO OITAVO

*Vitórias e esperanças*

Todos ficaram surpreendidos quando escutaram a voz gélida que vinha da rua:

— Então, vocês não acreditam na existência dos espíritos?

Os batentes da porta foram empurrados lentamente, e a figura fantasmagórica de Lance Shelton ressuscitado se delineou entre os portais. O foco de luz do lampião clareou seu rosto de traços ainda indefinidos, com a pele ainda bastante esticada, bastante retesada e brilhante, mas nem por isso menos inconfundível.

— Lance Shelton! — gritou Mulligan, com os olhos desorbitados. — Não acredito no que estou vendo! Não pode ser verdade. Sei que está morto. Você morreu enforcado, queimado, e está enterrado!

Slater parecia uma estátua de granito.

Somente o encapuçado se mantinha calmo, embora seus olhos refulgissem por trás das aberturas da máscara. Levantou o rifle e ia disparar contra aquela aparição inesperada que havia saído da tumba.

Shelton rapidamente apertou o gatilho do Colt que empunhava. O homem encapuçado gritou de dor quando recebeu o impacto da bala no peito, e foi cair embaixo de uma das mesas.

Só naquele instante, Mulligan despertou do torpor que o deixara paralisado. Reagiu, disparando contra Lance, mas, antes que tivera tempo para acionar a arma, Cole abaixou-se rapidamente e apanhou o rifle que estava no chão.

O albino recebeu o projétil no pescoço, cambaleou e foi resvalando pelo chão até chocar-se com a parede. Quando caiu, estava morto. A segunda bala do rifle estraçalhou a cabeça de Slater.

Em menos de cinco segundos, a batalha havia terminado, e o saloon novamente ficou silencioso.

Slater e Mulligan estavam mortos, mas o tipo encapuçado continuava vivo, jogado no chão, com o peito da camisa preta encharcado de sangue. Não parava de gemer e de balbuciar algumas palavras mal audíveis.

Lance aproximou-se dele e se abaixou a seu lado. Só então pôde escutar perfeitamente o que o ferido dizia:

— Não acredito... Lance Shelton está morto e... enterrado... Ele não pode estar vivo...

— Homem, em certas ocasiões os milagres tomam— se realidade — falou o rapaz, quando arrancava a carapuça de sua cabeça.

Lance Shelton passou mais de um segundo imóvel, sem poder acreditar no que seus olhos estavam vendo, e depois murmurou:

— Por que você, Drake? Por que você enveredou pelo caminho do mal?

O moribundo fez um esforço enorme para explicar:

— Meu pai e... o pai... de Marsha... eram... ricos... poderosos. Eu queria... mostrar a todos... que era o mais... rico, o mais... poderoso... o mais...inteligente. Que não... era um... inútil... como meu pai... vivia falando...

— Drake, você foi um imbecil. A ambição da prata cegou-o — disse Lance, com voz emocionada.

— E agora está recebendo o castigo que merece — terminou Frank.

Drake Buchnan exalou um suspiro.

Sua cabeça pendeu para o lado, e ele parou de respirar.

Os três homens se entreolharam com surpresa, e Rusty falou com voz pesarosa:

— Jamais poderia imaginar que fosse Drake. Seria a última pessoa que eu poria na lista. Era um rapaz gentil, agradável, atencioso e simpático.

— Coitadinha de Marsha Welby, vai ter uma desilusão enorme quando souber quem era seu noivo — murmurou Frank, trocando um olhar de cumplicidade com o amigo. — Acho que nossa tarefa terminou. Agora, só precisamos descobrir os benditos filões. Na minha opinião, estou achando que estão enterrados no centro da região. Quando encontrarmos os tão falados veios de prata, muitos homens daqui e do México poderão trabalhar, porque as minas proporcionarão empregos a muita gente. Só espero que ambas sejam dirigidas por pessoas dignas, que não explorem os empregados e saibam valorizar seus serviços. Infelizmente, não tenho tendência para trabalhar em minas.

— Nem eu tampouco — falou Lance. — Agora, que tenho uma visão mais ampla da vida e sei o que quero, só desejo passar o tempo que ganhei de presente ao lado de Maria Elena.

Lance calou-se e ficou alguns instantes pensativo antes de perguntar:

— Frank, será que ela vai aceitar-me com este novo aspecto?

— Que pergunta mais tola! Você nem está parecendo o homem inteligente que é! Claro que ela vai aceitá-lo, e sei que Maria Elena vai vibrar ao vê-lo são e salvo à sua frente.

— Frank, agora não estou parecido com o homem que fui, com o homem que ela amou...

— Lance, você precisa ter calma. Tem que saber esperar, porque sua fisionomia vai ficar como era. Mas Maria Elena é uma mulher inteligente e muito sincera. Quando ela se apaixonou, não se apaixonou pelo homem bonitão fisicamente, mas pelas qualidades que você possuía, e essas você não as perdeu. Acho que já é hora de ir enxugar suas lágrimas de saudade, bobalhão.

Lance sorriu amplamente, dentro de suas possibilidades, e confessou:

— Frank, você é mais que um irmão, é meu amigo! Meu medo morreu, e eu vou atravessar o rio agora mesmo para vê-la!

— Ei, espere mais alguns minutos, porque ainda não lhe agradeci por ter vindo salvar-me. Sua chegada foi providencial.

Calou-se, mas Lance não respondeu, e ele continuou:

— Como seu médico, reconheço que fez uma bobagem, porque devia estar deitado na cama e fazendo o repouso que lhe recomendei. Mas, se não tivesse chegado quando chegou, ia encontrar-me torrado e furado.

— Eu não sabia o que ia acontecer, mas desconfiei de que eles deviam tramar alguma coisa para apanhá-lo desprevenido.

— E quase me pegaram mesmo. Você foi meu anjo protetor.

— Há muito tempo eu vinha desconfiando de que houvesse alguma coisa programada, mas sempre pensava que Jonathan Welby ou Rex Buchnan fossem os mandantes,

jamais pensei que fosse Drake. Muitas vezes tomávamos uísque juntos, e ele sempre se portava como um verdadeiro cavalheiro.

— Infelizmente, as aparências enganam, Lance.

— Por que será que o pessoal de Welby trabalhava com ele?

— Por causa do dinheiro que ele pagava pela colaboração que recebia. Quem tem dinheiro tem capacidade para liderar aqueles que não têm um caráter íntegro.

— E as coisas ficam mais facilitadas quando o ricaço tem boa conversa, simpatia e boa aparência, como tinha Drake — disse Rusty.

— Exatamente. Era ele quem liderava um grupo de extermínio, e nós desconfiávamos de seu pai e de Welby, porque ambos são velhos, carrancudos e antipáticos.

— A vida nem sempre é um mar de rosas — interveio o cantineiro. — Alguém tem que procurar o velho Buchnan para avisá-lo da morte do filho. Quem vai á fazenda?

— Eu vou. Primeiro falarei com Rex Buchnan e depois irei à fazenda de Welby para falar com Marsha.

— Consolar os que sofrem é uma caridade cristã — Lance falou, com ironia.

— Vejo que meu amigo de juventude está recuperando-se rapidamente, pois já iniciou suas críticas e comentários mordazes.

— Nada disso, Frank, estou querendo que você vá. Pelo pouco que sei, tenho certeza de que Marsha é uma jovem solitária. Ela não tem amigas ou amigos e vai sentir muito a falta do namorado que preenchia suas horas vazias. Acho que você deve consolá-la, Frank — falou Lance, sorrindo maliciosamente.

Frank olhou fixamente para ele e calculou que ainda lhe deveria fazer umas três operações no rosto. Depois, também sorriu e confessou:

— Não adianta eu querer esconder as coisas de você, Lance. Simpatizei com aquela garota... Mas não sei se ela também simpatizou comigo...

— Isso você só vai saber se começar a cortejá-la... Por que está demorando tanto? Se fosse você, já teria falado com o pai de Drake e já estaria indo para a fazenda dos Welby...

Frank ficou indeciso por segundos, mas, em seguida, tomou uma decisão definitiva. Deu um tapa no ombro do amigo e se virou para a porta.

— Você está certo, peste. Se eu não for até lá, nunca saberei qual foi a impressão que Marsha teve a meu respeito. Vá, vá ver Maria Elena, mas nada de abusos e muitos esforços, para não destruir nosso trabalho. Quero ver você aqui, de volta, dentro de quinze dias para uma nova operação.

— Não precisa ficar preocupado, doutor. O máximo que farei será beijar, e beijos não exigem muito esforço. Espero que você faça esse mesmo exercício durante minha ausência... Coitadinha da Marsha, vai precisar de alguém que a console!

Frank Cole riu com satisfação.

Saiu do saloon, apanhou o cavalo e, enquanto galopava, ia pensando que já não podia afirmar que milagres não existia. Estava operando, depois de passar anos vivendo como um pistoleiro, e agora, depois de tanto tempo, estava alimentando ilusões idênticas às que tivera na juventude.

***FIM***

*A seguir: ESCUTA AQUI, BANDIDÃO!*

*Não perca!*

## REEMBOLSO POSTAL ● Pedidos de Livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.
Não esquecer de relacionar as coleções e os números que deseja receber.

Nome:.....

Endereço:.....

Cidade:.....Estado:.....

Código de Endereçamento Postal:.....

### ATENÇÃO:

Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio

### MENSALISTA

Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:

EDITORA MONTERREY LTDA.
Caixa Postal nº 24.119
20550-050 - Tijuca - Rio de Janeiro

### IMPORTANTE:

Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª feira, no horário de 8:00 às 13:00 e das 14:00 às 17:30 horas

## Publicações da Editora Monterrey em português:

Coleção CHUMBO GROSSO.....Bangue-Bangue
Coleção CHUMBO MORTAL.....Bangue-Bangue
Coleção CHUMBO QUENTE.....Bangue-Bangue
Coleção FERAS DO OESTE.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE BARRA PESADA.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE BEIJO E BALA.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE BRUTAL.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE CARGA DUPLA.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE PERIGOSO.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE PRA VALER.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE PROIBIDO.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE VERMELHO.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE VIOLENTO.....Bangue-Bangue
Coleção TIROTEIO.....Bangue-Bangue

## Publicación da Editora Monterrey en español:

Colección TEMAS DEL OESTE.....Oeste

## REEMBOLSO POSTAL

Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal, somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de 6 (seis) livros pelo Reembolso Postal

Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de 6 (seis) livros por mes.

Não esquecer de relacionar as coleções e a partir de quais números deseja receber nossos livros

# NÃO PERCA!!!

O LIVRO REVELAÇÃO DE

# SÃO JORGE

O SANTO GUERREIRO

★★★★ ★★★★

DORIUS C. MARIUS

EDITORA MONTERREY

* ▬ *

PEÇA HOJE MESMO AO SEU JORNALEIRO.

EDITORA MONTERREY LIMITADA

PREÇO DESTE EXEMPLAR: